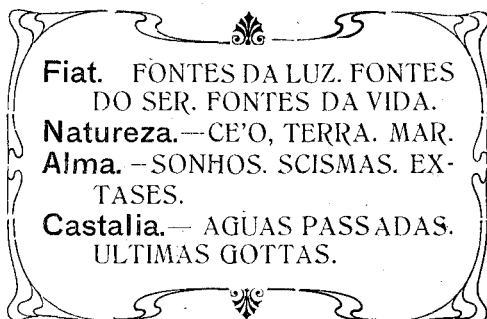


GENESE :



Hermes-Fontes

Fiat

Alma, vieste do pó ! Luz, é o cáos tua origem !
Gotta—glóbulo irial do sangue-azul do Oceano...
Coisas que jazem no Orbe ou na Altura se erigem,
vieram de alguma fonte alta e remota...
Estados d'alma : ancias que affligem,
riso que olhos e labios alvorota,
derivam todo o seu arcano
do Coração Humano...

Pollen, óvulo, embryão, atomo, gotta d'agua,
sois fontes de outra fonte—a Creação—donde hauris,
germens—o hausto vital; seres—o goso e a mágoa,
—astros— a luz do sol que vos é centro,
luz fecundante, luz matriz !...
Ha uma fonte em meu seio : exgotto-a, apago-a,
e eil-a, me invade o seio a dentro,
gotteja e põe raiz...

FONTES

A semente que está no humus e se enradica,
é a fonte donde nasce arvore, selva, flora,
a natureza-verde, exuberante e rica...

Hastes e folhas, pétalas e gomos
que a luz aljofra e multiplica
em perfume e sabor, flores e pomos,
vêm dessa fonte e vêm da Aurora
que os banha e os avigora !

Grão de luz, grão de sol que se volatiliza
no ether e anda no Azul, annos mil, a chocar,
é uma fonte auroral, é uma estrella imprecisa...

E—assim germina e ha de ficar maduro
o grão, na leira do pomar—
o grão de luz, á luz do sol, se iriza,
fulge, e será, para o futuro,
a Alvorada ou o Luar...

Dentro de todos nós, ha limpidas e claras
fontes. A fonte da Alma é sem leito, sem fundo.
Della não pinga orvalho—o bálsamo das seáras
nem luz—a alma do Sol, que os mundos gera,
nem vosso aroma, flores raras,
estrellas vegetaes da Primavera...

Ah! mas da fonte da Alma é oriundo
o Infinito... o Outro-Mundo...

Da alma, a idéa, e da idéa—o Symbolo e a Utopia...
Da alma, a fé, e da fé—a suave antevisão
de Deus, que ella semeia e do Céu, que a extasia...

Da alma vêm o meu odio e o meu affecto,
tudo que o affecto e o odio me dão,
e o meu Ideal, a minha Phantasia,
meu Sonho d'arte, predilecto,
minha Imaginação...

FONTES

A semente que está no humus e se enradica,
é a fonte donde nasce arvore, selva, flora,
a natureza-verde, exuberante e rica . . .

Hastes e folhas, pétalas e gomos
que a luz aljofra e multiplica
em perfume e sabor, flores e pomos,
vêm dessa fonte e vêm da Aurora
que os banha e os avigora !

Grão de luz, grão de sol que se volatiliza
no ether e anda no Azul, annos mil, a chocar,
é uma fonte auroral, é uma estrella imprecisa . . .

E—assim germina e ha de ficar maduro
o grão, na leira do pomar —
o grão de luz, á luz do sol, se iriza,
fulge, e será, para o futuro,
a Alvorada ou o Luar . . .

Dentro de todos nós, ha limpidas e claras
fontes. A fonte da Alma é sem leito, sem fundo.
Della não pinga orvalho—o bálsamo das seáras
nem luz—a alma do Sol, que os mundos gera,
nem vosso aroma, flores raras,
estrellas vegetaes da Primavera . . .

Ah ! mas da fonte da Alma é oriundo
o Infinito . . . o Outro-Mundo . . .

Da alma, a idéa, e da idéa—o Symbolo e a Utopia . . .
Da alma, a fé, e da fé—a suave antevisão
de Deus, que ella semeia e do Céu, que a extasia . . .

Da alma vêm o meu odio e o meu affecto,
tudo que o affecto e o odio me dão,
e o meu Ideal, a minha Phantasia,
meu Sonho d'arte, predilecto,
minha Imaginação . . .

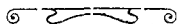
Na alma vêm bebêr agua---ininterruptos rios—
meus nervos, de que é foz a vida, o movimento
—gestos, palavras, ais, volúpias, arrepios. . .

Da alma, este mal de havêl-a encarcerada
nos meus desanimos sombrios,
antes de libertal-a, na escalada
que ensaio e espero, a lento e lento,
de momento a momento !

E fonte invoca fonte. . . Um seixo diminuto
dá principio a um rochedo. Um cirrus furta-côr
deflagra uma intempérie. . . E semeia um minuto
a Eternidade! . . . O' vida, ó morte ! vêde :
fez-vos o Espirito creador
fontes mutuarías de alegria e lucto ! . . .
E, para nossa eterna sêde,
fez a fonte do Amor. . .

Fonte das fontes, fonte eterna de que emana
o Céu, na Terra ! Amor ! Fonte excelsa ! nascente
a cujo influxo bom a idealidade humana
nasce, morre. . . renasce e se propaga
e foge e engana e desengana,
volúvelmente, como aquella vaga
que vem e vae, volúvelmente,
ao sabor da corrente. . .

Fonte do meu Amor ! miraculoso Horeb
que procuro alcançar no deserto sem fim !
Renovadora fonte onde o espirito bebe
toda a essencia da vida e todo o encanto. . .
—Tantalo ! . . . o Amôr, de que provim,
o Amôr que me embriagou no vinho de Hebe,
mata-me, sécca-me. . . E, no entanto,
sinto o Amor, dentro em mim !



FONTES

FONTES DA LUZ

Luz, vida

Primeira luz, luz da alva! bemfazeja
luz de que o meu espírito é oriundo!
Luz com que as nossas mães —gloria lhes seja!—
penetram nosso ser nascente, a fundo!

Proveio dos teus olhos a primeira
luz que em meus olhos indecisos houve,
luz baptismal do amor, luz verdadeira!

De ti, toda essa luz, todo esse brilho.
De então, por isso, Mãe, dizer-se aprouve:

—que tinhas dado a luz a um novo filho...



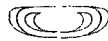
Luz, alma

Luz é revelação. Sem luz, a vida
fôra promessa vã, fôra o adiamento
prolongado, perpetuo, vago e lento
de uma felicidade prometida.

Raio de sol ou raio d'alma—incida
no cáos do Espirito ou do Firmamento,
surge a estrella ou a aurora, o pensamento
transluz, põe-se a verdade esclarecida.

A Noite é um vasto e esplendido mostruario.
—Coife de joias—pérolas e gemmas—
—universal escriptorio do Estellario...

Alma é luz viva : as perfeições supremas
vêm de um raio de luz, originario
de novos mundos e de novos poemas...



Luz, Pó

Grão de areia—expressão das ultimas verdades.
Constellação—és tu a gloria, o fausto, a pompa.
Que importa ao Sahara, grão de pó, se no ar te evades,
dês que no alto uma irial constellação irrompa?!

Que hymnos sopraes, tufões, na vossa herculea trompa
—poeira de sons que voa aos mundos a onde vades?
Clarão—poeira de luz! que tem que o Pó corrompa
o fulgor das paixões, o brilho das vaidades?

Astro—és um grão de areia escalado na Altura!
A' refracção do Sol, é um sól no sahara ardente
um átomo de pó que á areia se mixtura!

Orgulho humano! a quanto aspiras e quanto ousas!
—Na inconstancia da Vida está constantemente
a communhão vital entre todas as cousas...



Luz, Deus...

Veio um dia,
dia ou noite (era o Cãos Universal),
em que Deus — o primeiro, o deus que preexistia—
cansado já de ser impulsivo e magnanimo
e da vida monotona do Ideal,
poz-se a estadear sua alta e real soberania,
sem solicitações alheias ao seu animo,
cioso do seu poder intangível e isento,
pelo dictame só do seu Entendimento
sobrenatural...

E correu a cortina ao Firmamento
e aos semideuses — toda a Côrte celestial—
a todos os eleitos do seu gremio,
em luminoso proemio,
disse, como a um secreto Tribunal :

« A Piedade, que tanto nobilita
os deuses e as criaturas,
é a inconsciência do bem que se pratica, é o mal
que perturba a razão e traz afflictiva
a alma, nas suas concepções obscuras
para a elaboração da futura Moral.

« O Espirito de Deus deve ser justo, acima
da Justiça. Ser justo é ser divino; é ser
imponderavel como a Essencia-Prima,
imperturbavel como a linha do Dever;
inaccessivel

e inexoravel como um Impossivel;
é ser
simples e austero quanto o somno — o somno amigo
que, solícita e bôa, a Morte embala
sob o ultimo jazigo
em que a alma ha de sonhar e o corpo apodrecer;
é (pois ser justo é ser, por vezes, impio e máo!)
é ser a trajectoria de uma bala
disparada a ferir o flanco de uma nau. . .

« Ha millenios estou para dar forma a um sonho:
quero plasmar do Nada alma e vida — o Universo.
— Ponho, exponho, disponho e, quanto mais componho
ar e fogo, agua e terra — eis: tudo está disperso!
sempre a anterior desharmonia! E, ao fim,
conclamo os elementos,
riem-me, apenas, em surdina, os ventos. . .
E descreio de mim.

« Ah! Coisas nasciturnas, embryonarias,
fios indecifraveis do meu Tear!

FONTES

De mim, as immortaes verdades absolutas :
Mar e Céu... horizontes... procellarias...
Céu e Mar!

Hão de surgir das aguas dissolutas
rios eternos, que andarão nas grutas
como velhos romeiros, a gemer... »

Silencio. A voz ecôa de onde em onde...
E' a ironia dos ventos que responde,
é o éco da Inconsciencia e do Não-Ser.

—«Eu jurara punir quem desobedecesse
e não puni um só!
E o sonho que apprehendi (ai! dos meus sonhos!) esse
continúa a ser sonho, a ser fumo, a ser pó...»

A agua, amorphá, desmaia ou se espreguiça.
—« Agua, move-te, vive, sê oceano!»

A lava flue e apaga-se.—«O' Vulcano,
tira a luz da Vontade e da Justiça
dessa embryonaria luz!

O fogo esváe-se. «—O' Vento! Eolo insano,
anima as brasas, sopra a chamma, atíça,
pois que andas a tactear pelos rochedos nús...»

«O' rebelde inconsciencia! ó materia insubmissa!
não mereces um Deus... Pois, terás um Tyranno,
para a realização do Sonho que propuz.»

« Tenho semeado sôes, almas, plantas, jazidas.
De luz e germen, só recolho sombra e nada:
materias espalhadas e diluidas,
vagos projectos de futuras vidas,
rudimentos obscuros de alvoradas...»

«Não crystaliza um grão, não alvorece um mundo.
A Esperança, ao nascer, é já miseria e ruína.
Trabalho inútil! desespere vão!

Um Deus, para ser deus e ser fecundo,
deve ser só Vontade e Disciplina,
que a bussola divina
é a Razão!

O coração é a complacencia. Delle,
aquella vã sentimentalidade,
aquelle altruismo, aquelle
sentimento de solidariedade
com que elle
ha de,
sobrepondo ao Dever a Paixão e a Bondade,
abrir-se em sonho, aos olhos sonhadores,
abrir-se em indulgencia, aos peccadores.

O coração é a fonte de que emana
a fraqueza moral que apieda e arruina,
a emocionalidade em que se irmana
a alma divina
á futura alma humana
que ha de ser modelada em cordura e perdão...

E Deus — o deus que preexistia — a custo
contendo os estos da Imaginação,
ergueu-se, extranho, augusto,
no labio um rictus grave, quasi odiento
e decidiu-se: — « Não!
E' preciso ser justo:
Abaixo, o Sentimento!
Abaixo, o Coração! »

FONTES

E assim dito,
num clamor formidando,
rasgou o peito, mergulhou a mão
e a caverna thoracica esvasiando,
lançou para o infinito
o Coração.

E o coração ficou pelo ar boando,
palpitando, sangrando...
E o sangue se inflammou, estrellou, constellou-se...
E, a quando e quando,
emquanto Deus-creator, desmaiado, dormia
numa inconsciencia milagrosa e doce,
foi-se insensivelmente o Horizonte clareando...
Era a primeira luz, Era o primeiro Dia.

Nunca Jehovah tivera um somno tão tranquillo !
Nunca dormiu ninguem um sonho tão feliz !
Pois, emquanto sonhára, extranho a tudo aquillo,
o céu se engalanou em saphira e beryllo...
—Céos !... e emergem do cáos florestas e alcantis.

Cantam, em derredor, Flora, Ceres, Vertumno.
Amam-se. Forma-se a agua, anima-se : ondas mil
lambem a areia : é o mar. E' o reino de Neptuno.
E' o natal da existencia. E' o momento opportuno.
Verdeja o bosque. A flôr entreabre-se no hastil.

Ruge o leão. Silva o ophidio. Andam perdizes
pela Amplidão.
Os seres, todos num, suspresos e felizes
—musculos, nervos, bractees e raizes,
vibram, deliram, num festim pagão.

Alimarias horriveis e bifrontes
 põem-se a olhar idiotamente o Céu.
 Miram-se na agua limpida das fontes
 megatheriums, mamouths e mastodontes...
 Correm potros e gamos—escarcéo !
 E, ás primeiras scentelhas
 flammantes e vermelhas,
 borboletas, libellulas, abelhas
 enxameiam, ao léo...

Deus sobrepaira ao céu, ao mar e á flora,
 mal desperta do sonho a que se atém :
 vê o seu coração arder no espaço... é a aurora...
 E, commovido, chora...
 e interjeiciona, numa voz sonora :
 —« Meu velho coração ! eras um deus tambem ! »

O Sol Nascente, coração exangue,
 triumphalmente irradia.
 Desfez em luz as gottas do seu sangue,
 deu alma ás cousas, deu fulgor ao Dia !

Vendo-o libra-se, pleno azul, na Altura,
 dir-se-ia uma hostia pura
 num sacrário :

E cada gotta do seu sangue originario,
 cada gotta perfez
 um astro do systema planetario
 —nova fonte de vida e esplendidez...

O' coração de Deus, fixo no Espaço,
 sempre sangrando e ardendo e nunca escasso,
 sempre na plenitude e no crysol !

FONTES

Aquelle coração, agonico e festivo,
aquelle coração de redivivo,
é o Sol !

Que extranho coração genesico e fulmineo !
Deus-autor, deus-senhor de intermino dominio
—Sol invisivel a que tudo se reduz !

Deus—ultimo degrau da Ascensão promettida !
—Luz—essencia da Vida !
—Deus—essencia da Luz ! . . .



FONTES

FONTES DO SER

Ser...

O GERMEN, QUE E' A NOÇÃO GENESICA DA VIDA,
PARA FRUCTIFICAR, PRODUZIR, FLORECER,
ASPIRA A' EVOLUÇÃO CONSTANTE, INDEFINIDA,
ASPIRA AO SER.

VEIO O GERMEN DO NADA ; O EMBRYÃO—BERÇO DA VIDA,
DO GERMEN. MAL O EMBRYÃO COMEÇA DE VIVER,
QUER SER O QUE NÃO E', SONHA A VIDA VIVIDA
POR OUTRO SER.

DA AGUA AO LICHEN, DO MUSGO A'S ARVORES, A VIDA
DESDOBRA-SE, EVOLU'E, TENDE SEMPRE A ASCENDER ;
BUSCAM TODOS TOCAR A' ESFERA INATTINGIDA
DO HUMANO SER.

É O HOMEM, SENDO A EXPRESSÃO MAIS PERFEITA DA VIDA,
ASPIRA A' LUZ, INVEJA O SOL, OUSA ESPLENDER...
—GERMEN E' LUZ ; SEMENTE E' CHAMMA RESEQUIDA :
—A LUZ E' O SER.



Luz e Ser

Antes do espasmo luminar do Fiat,
nem céu, nem mar, nada, porcerto,
nada existia :

nem um peixe, no mar ; nem, no bosque, uma dryade...
—Era o Silencio enchendo e inquirindo o Deserto,
numa interrogação muda, esteril, vasia.

Tudo era incerto e vão : tudo era nada.
Nem uma gotta ; nem, ao menos,
um grão, um só.

Subito, á irradiação da primeira alvorada,
vieram os seres — já integrados e plenos —
uns, do Orbe, outros, do Céu ; uns, da Agua, outros, do Pó !

O milagre da Luz ! a essencia animica !
a ethereação, o fluido, a fonte
que o Ser deriva !

Oxigenio inicial da primitiva chimica...
Plasma de almas e sóes... sorriso do Horizonte,
alegria, expansão da Natureza viva !...

Desde que a Luz florece, o Sol é o fructo
miraculoso, e o exelso arcano
da Geração :

E o milagre se faz perpetuo e ininterrupto,
faz-se alma, faz-se ideal ao pensamento humano,
vista aos olhos, sabor aos labios, tacto á mão.

Porque a Luz nunca expira. Si, elegiaco,
descamba o Sol, na alma das cousas
o Ser culmina :

cáe o fructo, mas deixa, ao rolar, no Zodiaco,
sementes... grãos de luz... estrellas... mariposas
que vão morrer ao sol, na curva levantina...

Grão do seu pollen fulgido é um satellite.
Atomo desse grão radioso,
é um lume, a arder !

omem vão ! e a Esperança ergue-te, ala-te, impelle-te
a ser luz—luz ideal, luz do divino goso,
deslumbrante em clarão, absoluta em poder !

O' Luz, revelação ! Essencia viva !
Gloria dos céos, limpida e elterea !
O' Luz. o' alma !

FONTES

Sinto-te, amo-te ! Vem de Ti ! de Ti deriva
o mysterio inicial de Espirito e Materia :
—Luz, no astro ; ether, no Azul ; chlorophyla, na palma!

Verbo do Tempo e da Distancia — ouvimos-o
Poetas, irmãos do Sol — no aneio
crepuscular :

Que Deus fala, por elle, a nos dar força e estímulo,
a encher-nos de alma... E, quando o Espirito está cheio,
manda um raio de luz, a nol-o illuminar...



Causa...

E, pois, luz maternal da Aurora, luz vivente,
uberrima, viril, genetriz, germinal!

Luz que ensinas, expões e transílúes ao nosso ente
alma—instincto... consciencia... a Razão, a Moral!

Luz do Primeiro Dia, alacre e surprehendente,
Luz de que transpirou a emanação vital!

Luz que houveste, do Pó, miraculosamente,
as columbas do Bem, as serpentes do Mal!

Luz que, ha millenios de millenios de millenios,
nasces, morres, e vens, e vaes, e resuscitas,
para nos deslumbrar, fulgir, esplandecer!...

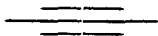
O' Luz, mãe dos heróes, dos santos e dos genios,
Causa Fundamental das cousas infinitas,
és a fonte da Vida, és a fonte do Ser!...



A primeira pedra

— Corpo que se encontrou abandonado de alma,
corpo que se não poude á acção do ar decompôr, —
uma pedra é uma vaga immovel... E' uma calma
recordação do mar de que foi leito a estrada,
uma vaga do mar dos Tempos, retardada,
que por ali ficou sem sentidos, parada,
adormecida por um intimo torpor.

E' a Impassibilidade esculpturada. Dorme.
Seccou-lhe o sangue, e não consegue apodrecer.
Vive? E' possível. Morre? E' provavel. Conforme
a Vida e a Morte... A pedra é um ponto de partida.
E' o principio da Morte, é o principio da Vida...
E' um gesto contrariado, é uma força contida,
é o Ser que adormeceu em caminho do Ser...



A primeira arvore

Uma invisível mão tomou de humilde seixo
e, polindo-o, apurando-o, illuminando-o todo,
inseriu-lhe, á feição de núcleo interno, ou de eixo,
um raiozinho de alma a eximil-o do lodo.

E, para vegetar, o seixo, illuminado
por esse átomo de alma, — a um milagre feliz —
foi caroço, e immergiu nos terrenos de um prado,
afim de, sob o solo, alongar-se em raiz.

Pôr sob a terra, a um Ser — é condemnal-o á morte;
mas, a um grão — é, talvez, encaminhal-o á vida...
O caroço, dest'arte, animizado e forte,
germinou, irrompeu, fez-se árvore florida.

E a árvore produziu, multiplicou-se aos centos...
Foi floresta — foi sombra, agasalho, mansão.
Deu aos pássaros — ninho, affagos e alimentos,
que raros seios têm e raros leitões dão...

FONTES

E vive. E morre. Inspira e transpira. Ama e luta.
Si se locomovesse a além do seu canteiro,
seria uma existencia animica absoluta,
seria um animal completo e verdadeiro.

Vive e morre. Ama e odeia. A's vezes, reflexiona.
E braceja e agoniza, ao vento e á luz solar!...
— Synthese vegetal da Flora e de Pomona,
— Livro em que a Terra ensina os corações a amar...

Folhas, folhas ao sol, doiradas e orvalhadas,
brilham tanto, que, só de sob os olhos têl-as,
arvores, são lampeões das sombrias estradas,
são arvores de sóes, são arvores de estrellas...

A' distancia, de tão arredondadas, cheias
de lianas e florões, a oscillar, a oscillar,
são aerostatos quasi a romper as cadeias,
promptos para partir ás aventuras do ar...

A' luz do pôr de sol, — longes silhuetas, — ellas
são naves a boiar no horizonte ermo e baço...
— Desarvoradas naus, desorientadas velas,
navegando no tempo e encalhadas no espaço.

Uma folha é um banquete, é uma mesa ampla e farta
posta á abelha, á formiga, ao insecto, em geral.
E' concha, onde se asyla a misera lagarta,
alcova, onde se mira a cigarra estival.

A terra já foi mar; é um mar petrificado,
comburido de sol, congelado de frio.
E, consoante esse mar, que existiu no Passado,
—no mar verde da Flora—uma arvore é um navio...

Uma arvore é um navio... As folhas são bandeiras
verdes e naturaes ; as trepadeiras são
cordas de pavilhões, cordas alviçareiras...
Por ancora — a raiz jaz debaixo do chão...

Arvore ! ao nosso ouvido é intimamente grato
ouvir os madrigaes dos teus ninhos hirsutos.
Teus perfumes nos dão delicias ao olfacto,
gosos ao paladar — teus deliciosos fructos.

E não és só o espinho, a flôr, a folha, o galho :
quem penetra á raiz o segredo interior,
louva em ti a Modestia, ama em ti o Trabalho !
E's a Dedicção, o Sacrificio, o Amor...



O primeiro homem

Ao se desentranhar da terra entumecida
a arvore—taça verde, onde o planeta, aos poucos,
bebe o licôr do orvalho — aligera bebida
que, ao contrario do vinho, acalma ébrios e loucos,
as palpebras do Ser se abriram; a alma
viu-se, da coifa às folhas, no alto, erguida,
e foi a rama da primeira palma
o estandarte da Vida.

Foi a planta a primeira
sentinella avançada; foi a planta
o primeiro signal da verdadeira
Vida, a animal, que á vegetal supplanta;
pois coube ao Vegetal, desperto, recém-nado,
predispôr a atmosphaera e predispôr a leira
e habilitar a Terra a dar carinho e agrado
ao insecto subtil, á alimaria grosseira...

Transpirando carbono e aspirando á aerosphera
o perfume chromal que é a sua chlorophila,
equilibra, compõe, purifica e tempera
os venenos e os bens que o azul do Ether distilla.

Por essa operação humilde e heroica
da raiz e da fronde, prolifera
a Vida, desde a phase paleozoica,
surto em surto, era em era.

O mesmo alto prodigio
que um carôço formou de um seixo, fórma
do carôço um insecto :—Ergue-o, corrige-o,
aperfeiçôa-o por mais viva norma
e exsurge o novo ser, move-se, trilla, toma
azas, e, em breve, a antenna alonga-se em remigio,
e a borboleta azul, doirada, polichroma
faz-se ave, e escala o Azul, ébria do seu fastigio...

E, pois que as azas são braços duplos de pennas,
recolhem-se, depois :— Livres dos veros braços,
reunem-se á Intelligencia, e, reunidas, apenas,
a Intelligencia vôa e agita os nervos lassos...

Nasce a Imaginação. E' o Ser Humano.

Estão formados já leões, tigres, hienas.

A alma culmina. O Engano e o Desengano
geram os ais e as penas...

FONTES

E' o Pensamento. E' o élo
ultimo da cadeia subjectiva...

E' o Homem. E' o mirante do Castello
espiritual da Natureza-Viva...

E' o vertice do Ser, é o diametro do Globo...

E' Deus. E' o fim tornando á origem... E' o anhélo
de prender o Infinito, a um temerario arroubo,
nas formulas geniaes do Perfeito e do Bello!...



A primeira mulher

Pedra, planta, animal... o triangulo da Vida,
a trindade do Ser... Que falta ainda? — Tudo!
Si bem que no seu seio a luz da alma resida,
o Homem é mudo.

E' mudo: o Homem não ri, não chora, é indiferente.
Alimenta-se e dorme. E tem sonhos tão mãos,
que para o seu olhar não ha aurora nem poente :
ainda é cáos...

Automaticamente, anda, pausa e repousa.
Desperta... quando o sol lhe caustica a epiderme...
Volta-se, a cada som, treme de qualquer cousa
fragil e inerte.

De raro em raro, vibra, á passagem arisca
de uma corça. Não vive: existe... ou vive mal,
trépido, como quem de hora em hora se arrisca...
— Irracional!

FONTES

Agitam-no, porém, os primeiros instintos...
Vae á fonte. Vê na agua a imagem, mal surpresa.
Ouve. Rugem os leões. A' voz dos leões famintos,
põe-se em defeza.

Espreguiça-se, corre, emprehende e cança... Chora.
Vae falar... mas não fala. E não diz o que quer...
Ergue os olhos ao Céu, manda beijos á Aurora...
— Sonha... a Mulher...

Desde então, o Homem vê que ora, o céu se denigre,
ora, fulge (a alma é assim: cada sonho é uma estrella...)
E o Macho quer a Femea. E corta o passo ao tigre,
em defendêl-a.

Desde então, o Homem tem o orgulho do seu sexo,
da sua alma, do seu espirito creador...
E faz mundos sem base e diz cousas sem nexo...
Amor... amor...



Adão

(CARICATURA)

Da loura Albion... da pallida Cipango...
ethiope ou arabe, o anthropopithéco
veio e, delle—ridículo boneco—
o Homem — deus de Cancan, de jongo e tango...

Veio... E houve um seio púbere... um morango
tentador, abotoando-o... E, de éco em éco,
corre — eureka ! a esbofar-se : « eu pécco, eu pécco... »
Archimedes futuro — o orangotango.

Fecham-se logo os céos, em camarinha :
Pan, deus selvagem, voluptuoso e bruto,
enlaça Venus — deusa-flôr marinha.

Unem-se a nympha excelsa e o monstro hirsuto :
O resto... somos nós — criação mesquinha
do erro sensual daquelle ruim minuto...



Eva

(ALLEGORIA)

Eva—te chamam. Eva — ou qualquer seja ou fosse
o teu nome — o que importa, é a ventura de haveres
nascido, alva, floral tão limpida, tão doce,
para gloria de Deus e alegria dos seres.

No tumulto ou no altar, no thalamo ou no alcouce,
tudo florecerá por onde floreceres!

Ao se formar teu sexo—Eva triumphal— formou-se
o sobrenatural delirio dos prazeres...

Poz-se-te na alma tudo: o paraíso e o inferno;
a pureza infantil da fé e da esperança,
a ephemera vaidade, o sacrificio eterno...

Leôa e pomba — não ha tão feroz e tão mansa!
Pomba — não lhe esfaçaes o idyllio suave e terno!
Leôa — não lhe assusteis o filho que descansa!...

Extase

Eva, és o eterno Amor, pino da alma, zenith.
Desces, e tudo em torno é um enternecimento.
Chegas, e cada ser cultear-te se permite :
 já feliz e infeliz, o Sol, sangrento,
 vê-te, sorri-te
e se deixa eclipsar ao teu deslumbramento...

Eva, és a vaga, a espuma, a pérola, o limite,
a synthese do Mar numa gotta... Oh ! tormento !
Eva, filha do Oceano ! és Venus-Aphrodite.
 Já feliz e infeliz, o Mar, sedento,
 vê-te, sorri-te,
e chora como um louco em seu transbordamento...

Eva, o teu nome está de palpito em palpito :
— és da Terra, és do Ceo, és do Mar, és do Vento...
Todo o Universo ver-te e amar-te se permite :
 O céu de rosa e anil se põe nevoento,
 vê-te, sorri-te
e sente-se rolar num desfallecimento...

FONTES

Eva, és o índice, o fim, a synthese, o limite !
Chegas, e a Natureza é um estremecimento...
Cantas, e cada ser gosar-te se permite...
 Já feliz e infeliz, Adão, ciumento,
 vê-te, sorri-te
e fica escravizado ao teu encantamento...



Sonho

Tal o extase da Vida recém-nata
diante da aparição da primeira Mulher:
o monte e o valle, o oceano e a matta,
precipicios e céos — ether, luz, rosicler —
toda a Terra cahiu numa orgia insensata,
num lethargo sensual, num espasmo qualquer.

E, assim, adormeceu, recém-nascida :
E o Espirito Creador, a semeadora Luz,
para ficar incompreendida
a Essencia, — ao somno da Orbe, a leve e leve — Sus!
revolatilizou-se em placida subida,
e, longe em longe, ainda em novos sóes transluz.

FONTES

E o Planeta dormia. E em seu lethargo
teve um sonho immortal, um delirio feliz :
 pelo horizonte aberto e largo
os astros — flores do Ar sidereo — em seus hastis,
cantavam : « Terra, o dom de gerar, doce e amargo
d'ora avante é só teu, ó Terra genetriz !

Salve! Ao despertar, a Natureza
abre as palpebras. Abre, e, ao seu primeiro olhar,
 augmenta a luz na esphera accesa...
Chora — e ha rios a mais e se desdobra o Mar...
Ri — e o aroma é geral... Move-se — e, de surpresa,
põe-se tudo a viver, florir, fructificar...

A' sua voz — ha multiplos gorgeios
de passaros, cantando a gloria da Creação !
 Ao seu arfar, palpitam seios
sob o solo, e o ar povôa o espaço escuro e vão:
ella é causa, ella é fim — a causa, o fim e os meios...
— ella é continuidade e multiplicação !

Salve, fonte da Vida ! salve, origem
das coisas ! mãe do Sol, mãe das constellações!
 A's tuas leis, que nos dirigem,
systematizas, pões, decompões e dispões
e dos valles do Tedio aos cumes da Vertigem
creias para a Alma um mundo á parte — as sensações...



Sensações

Sensações de tristeza ou de alegria,
dá-nol-as a Alma, como ideal producto
das impressões vitaes de cada dia
engalanado em luz, sombreado em lucto.

Pode o Espirito estar tranquillo e enxuto:
mas, si os olhos se inquietam, á porfia,
a lagrima, que esconta, é já o fructo
das sensações... E' o coração que expia...

E, ao transcorrer desse diamante bruto,
a Vida, toda, se consubstancia,
tal, um século, ás vezes, num minuto !

Ilumina-se, assim, a Alma sombria:
—o que sinto, ólho, gosto, palpo, escuto...
—sensações de tristeza ou de alegria...



FONTES

FONTES DA VIDA

Fonte da Vida

A VIDA BROTA DAS FRESTAS
DE HUMIDAS LOUSAS . . .

MYSTERIO !

AQUELLE CAMPO DE GIESTAS
—E' A LEI DAS COUSAS . . .—
FOI, TALVEZ, UM CEMITERIO.

AS COUSAS QUE O SER DERIVA,
DERIVAM O SER.—ESQUIVA
FONTE, QUE SERA'S REPRESA,
CACHOEIRA, OU MAR, NÃO REPOUSAS
DA VIAGEM, DA LUCTA ACCESA . . .
—FONTE DE TODAS AS COUSAS,
NATUREZA !



NATUREZA



Céu, Terra e Mar

Céu

Céu—tecto universal dos varios povos,
de horizontes monótonos, não raro,
mas, espiritualmente, sempre novos !

Céu, firmamento, nebuloso ou claro,
nunca me falte aos olhos teu exemplo,
o teu abrigo, o teu feliz amparo !

Teu bojo azul é o verdadeiro templo,
a confluencia final dos varios cultos
cujas luctas, de longe, aqui contemplo.

E os teus astros, visiveis ou occultos,
são symbolos de fé, imagens santas
de soberanos, mysteriosos vultos. . .

Sobre todas as coisas te levantas :
dás vista aos olhos e dás luz ás vistas,
dás côr ás aguas e dás agua ás plantas. . .

FONTES

E sob as tuas nevoas imprevistas
o horizonte se coalha, de repente,
de esmeraldas, turquezas e amethistas. . .

Não tens patria, região, nem continente.
Não se sabe porque—o egoismo humano
vê muitos céos, um do outro diferente :

Céo inglez, céu gaulez, céu italiano. . .
Mentira ! o céu é uno e eterno : apenas,
varia pelas quatro phases do anno.

Querem manchal-o nas paixões terrenas
em que o interesse regional se agita
entre despeitos, coleras e penas !

E' universal a abobada infinita.
O céu é, como o amor e o pensamento,
livre, voluvel e cosmopolita. . .

Por isso, vivo soffrego e sedento
de no teu seio eternamente voar
e de aprender contigo, Firmamento,
coisas que ensinas, em segredo, ao Mar . . .



Luar

Noite ou dia?! Ilusão... E' noite. A Natureza tem um pudor de noiva, ao beijo de noivado : sonha, velada por um véo diaphano, e prêsa de um sonho branco, um sonho alegre, iluminado.

A Lua entra por toda a parte, clara, accesa... Desabrocham jasmims de luz, de lado a lado... E o luar—vê bem : — dirás que é o óleo da Tristeza diluido pelo céu... pela terra entornado...

E ha nos raios da Lua — a um tempo, hastis e lanças, corações a sangrar feridos do infortunio, flores sentimentaes do jardim das lembranças...

A ave do Sentimento as azas bate e espalma : e, enquanto se abre aos céos a flor do Plenilunio, abre-se, dentro em nós, o plenilunio da Alma...



Deante do Azul

Céus de abril, céus de agosto, azúes e transparentes
—diaphaneidades no ar, deslumbramentos na alma.
Os levantes são mais translucidos, os poentes
têm mais nevoas e têm a agonia mais calma.

Miraculoso Sol! miraculosa é a trama
de ouro diluido, gaze, incenso, fluido, luz,
que transmittes á Lua e a Lua nos derrama
e o nosso coração em lagrimas traduz!

Bemvindo sejas, Sol, que alentas e deslumbras!
Fiat das sensações,—só tu sabes vertel-as:
teces a noite de penumbras com penumbras,
teces o dia, Sol, de estrellas com estrellas!...

E's a flor de que a vida universal é o fructo:
a luz foi o primeiro aroma a se exhalar,
—chuva de ouro a cahir no humus frio e incorrupto,
chuva anhydrica, a fluir da agua de ethereo mar...

Céos de abril, céos de agosto, azúes e surprehendentes !
Dias de communhão dos tres reinos... O' luares
que vos ides morrer nos braços dos Nascentes
e despertaes, sorrindo, aos ais crepusculares !...

Meios-dias de fogo, heroicos e vibrantes,
pão dos olhos, licor do Espirito, igneo pão !
—As cordilheiras têm arquejos de gigantes
vencidos á solar chlorophormização...

Dias bons em que Deus lava o extranho delicto
das tormentas, na luz—crystallina represa...
Luz—imaginação dos genios do Infinito,
razão, intelligencia, alma da Natureza !

Aroma zodiacal das luminosas flores,
halito puro e bom do Sobrenatural...
Diluvio luminar de brilhos e esplendores...
Diluvio de oiro e luz... Diluvio universal...

*
* *

A' linha do horizonte, a curva do hemispherio
é o traço de uma bocca, entreaberta ao sorriso:
é a alegría dos céos. O azul ethereo
penetra o azul marinho, azul-verde, impreciso,
como um mysterio a entrar dentro de outro mysterio.

Dias de sol, bemvindo, o sol ! possa entender-vos,
possa o verso dizer todo o vosso fulgor !
Esses raios triumphaes são vossos nervos
—pennas de fogo, a arder, a ancian por descrever-vos
num hymno altisonante e glorificador!

FONTES

O horizonte se perde, o Azul se indetermina...
Prolonga-se na luz a luz que no ar se espalma.

Noivam, num beijo hyemal, céu e campina.
Pudessemos guardar tudo isso dentro da alma...
—Alma humana, porque has de ser tão pequenina?!

Sob a limpida unção do óleo suave da Aurora,
amacia-se a coma á selva; e, bem assim,
 enquanto o céu orvalho e brilho irrorra,
magicamente cáe sobre os hombros da Flora
um rendado de sol com sombra de setim...

Estrellejam crystaes em baixo e emcima. Tudo
é translucido, leve, immaculado, hyalino.

A Terra é um estendal de ouro e velludo.
E, sobre a Terra, o Céu, como um enorme sino,
plange, que se não ouve, um hymno quasi mudo...

E o hymno vae fulgurando e vae agonizando,
até que no momento exacto do sol-pôr,
 o Sino azul é sombra... e é brilho, quando
as estrellas, que são abelhas de ouro em bando,
pousam no bojo, para abrir-se em resplendor...

E' assim a Primavera: abre a corolla á flores,
de dia, e abre, de noite, a corolla dos astros.

Saturado de aromas e sabores,
o homem—olhos no Azul—sobе ástortes e aos mastros,
quer os raios dos sóes e as azas dos condores...

Noites emocionaes, saudosas, enluaradas...

Dias, dias de sol, cantando em cada ser...

Daes ás volupias da Alma, ó alvoradas,
o hysterico furor de leões enjauladas,
ciosas de movimento, a bramir e a gemer...

Céu ! temerario é o vôo, e ridiculo, o salto,
para alcançar, sentir o teu arcano eterno.

Mais te procuro, mais te ficas alto...

Na ancia de te attingir, ó céo, encontro o inferno,
escalando o alcantil, ascendendo ao planalto !...

Baixas a dialogar com a humilde collina
e debruças-te sobre a linha azul do Mar...

Vou alcançar-te... Decepção ferina!

foges do meu alcance... O céo, que ao mar se inclina,
sobe cada vez mais, á mão que o vae tocar...

Corro ao oceano, corro á montanha sombria,
aonde quer que se tenha a mão o firmamento,
e o mesmo desengano me agonía...

—Ha de ter realidade a esperança que alento,
hei de alcançar o céo, hei de attingil-o, um dia!

« Hei-de. .. » E o Mar põe-se a rir gargalhadas de espuma.
E, solidaria, a Terra o abraça como a irmão...

—Utopia, illusão, chiméra, em summa!

Alma humana! vê bem: não és coisa nenhuma...

—A propria intelligencia é o teu maior grilhão!



Estellario

Na assembléa dos astros, na assembléa
transcendental dos mundos superiores,
onde a terrena agitação plebéa
não tem ministros nem embaixadores,
a eloquencia resplende: é uma epopéa
de luminosidades e esplendores.

Alta noite, o concílio é extraordinario.
Mas, logo á tarde, vem para a entrevista
Vesper, e chama a postos o Estellario;
e, apesar de que um astro de outro dista,
breve, se reúnem todos no Plenário,
para goso e illusão da humana vista.

E' a Convenção Universal, é a summa
Côrte das grandes almas, reincarnadas
nas estrellas, que vêm, da etherea bruma,
entretecendo a luz das alvoradas
—transfluido incenso que o ambito perfuma
das concavas espheras azuladas...

Areopago de luzes ! Amphitheatro
de deuses ! Assembléa esclarecida !
Verbo inaudito, ecoando pelos quatro
pontos-cardeaes, na celestial subida. . .
Poetas, cantando o Poema que idolatro. . .
Prophetas, predictando as leis da Vida. . .

Eil-os, os sideraes representantes
de Deus, no espaço, da Alma, nas alturas :
eil-os, maravilhosos, deslumbrantes,
sob as leis da Harmonia, mal seguras,
regulando o caminho aos navegantes,
insinuando o perigo ás aventuras.

Não raro, sob o extranho canhoneio
do trovão, num clamor de populaça,
fecha-se a nave, a luz se apaga, e cheio
fica o templo de insolita fumaça ;
mas, ao mesmo furor de que proveio,
diminúe o motim, desfaz-se, passa.

Passa, e, de novo, a Convenção se reune
com maior esplendor e mais poderes :
—Não deve, para alguns, ficar impune
tão brusco desacato aos magnos Seres. . .
E contra o vento, que, já longe, zune,
ha multiplos e varios pareceres.

Trocam-se idéas, creiam-se systemas. . .
Vistos da Terra, os astros, em conclave,
são cabecinhas, brancas, como estemmas,
encanecidas já, de aspecto grave,
e olhos chorando lagrimas extremas
com que o peccado de existir se lave. . .

Já pela noite dentro, algumas dellas
foram-se esmorecendo e se apagando...
Outras, menos radiantes e singelas,
cochilam pelo Azul e, a quando e quando,
tremeluzem, cansadas sentinellas,
que horas e horas a fio estão velando.

E a assembléa estellar antes parece
um vasto acampamento dizimado,
restos de heróes, crispadas mãos em prece,
ruína e desvastação de lado a lado.
A Estrella d'Alva, tremula, apparece,
desapparece, como o bem sonhado.

Surge e se esgueira como espião perverso ;
é irmã traidora a Estrella Matutina.
Chega, e estremece aos poucos o Universo...
Chove na verde e rorida campina
imponderavel tom de ouro disperso,
na aurea luz que o diluculo propina.

Chega a Estrella e se vae. Logo a assembléa
se dissolve e se apaga. Mal perdura
sobre a terrena agitação plebéa
a estrella matinal, a irmã perjura.
E' o Dia. A Natureza é uma epopéa.
E' o Sol. E' a luminosa dictadura...

E' a dictadura do Ouro, a tyrannia
da luz sobre a Existencia renovada.
Cada raio de sol na terra fria
penetra e fere—luminosa espada,
como, a entranhar na furna ôca e sombria
um grão de luz, o pollen da alvorada.

FONTES

E' o sol. Por toda a parte se assignala
o despotismo do seu poderio.
Causticada, a folhagem secca estala,
e ferve em borbotões a agua do rio...
Gotta de sol vem do ar como uma bala
parar o vôo ao pássaro arredo.

O pomo esturra. O galho murcha. A vida
é uma continua, fulminante febre.
Insolados no adejo ou na corrida,
cahem á beira d'agua a rôla e a lebre,
e a alma aspira a evolar-se, desprendida,
bem antes que o casúlo se lhe quebre.

Mas (é o prestigio cego dos tyrannos !),
como um saudoso reconhecimento,
entre íntimos suspiros, quasi humanos,
os astros, morto o Sol sanguisendente,
choram, sobre os seus erros e os seus damnos :
E, á noite, é um lacrimario o Firmamento !...



Vão captivo

Terra, já te não sinto aquelle antigo encanto.
Vida, já te não goso os mesmos bens de outrora :
—Homem—não sou eu mais o homem que fui, portanto.

Alleluia da Vida — é occaso a tua aurora !
Sementeiras da Terra —ereis um campo-santo...
Alma humana—em teu seio a angustia se elabora!...

Ave do Pensamento, altivola e arrojada,
para onde has-de-emigrar, que mundos presuppões ?
Que anseio, que illusão te impellem á escalada
de outros céos, de outros bens, de outras aspirações ?

Dão-te á visualidade um palmo de horizonte,
 dão-te á imaginação uma jaula e um poleiro...
 Dão-te agua, e não se dá que lhe saibas a fonte...

Louco—és propheta ! cego—és anjo pegureiro...
 Agrilhôam-te os pés, ciliciam-te a frente,
 e, assim, voarás, ao léo, no infinito roteiro...

Que te vale matar a sede d' agua, quando
 tens a sede de ver, descortinar, transpôr !
 Que te vale viver—viver agonizando,
 sem o excelso, o immortal pão de espirito, o amor?

O homem de amor se nutre; o amor, de liberdade :
 e liberdade e amor esquivam-se-te, como
 bravo gamo que—frouxo o laço—se evade...

Luctas, quebras grilhões, e é baldô o heroico assomo !
 Curtes em teu covil a esperança e a saudade,
 e a flor do teu ideal não se resolve em pomo...

—Saudade immaterial de algo que nunca vimos,
 —esperança infeliz de refflorir e amar...
 —Desejo de subir a inatingiveis cimos,
 aos ultimos degraus do mais glorioso altar...

Que volupia de céos e de vôos me abrasa !
 E o meu Orgulho, que a nenhum thesouro humilho,
 não vale, ao menos, um desdobraimento de aza !...

Ser aza é ter direito a ser luz e a ser brilho.
 Só a aza é a liberdade, e a liberdade apraza
 a alma para o Infinito em luminoso trilho...

FONTES

A Immensidade é um livro, a Natureza é uma aula :
Homem, quem te ensinou as regras do Dever ?
Por que hypocrita lei irracional se enjaula
uma alma a reflorir, num corpo a apodrecer ?

Ha, em torno ao meu ser, transitoria materia.
Que ventura, si em vez de á Terra incorporal-a,
a Morte a erguesse aos céos desintegrada e etherea ! ?

Nem trabalho será, talvez, pulverizal-a :
ha muito, anda ella moida entre as mós da Miseria,
a rolar, dia a dia, em caminho da Valla. . .

A Terra é sempre a mesma. Isochronos e lentos,
movem-se os dias, um de menos, um de mais.
No espaço, que ficou, dos velhos monumentos,
pompeiam outros, ha mais altas cathedraes. . .

E' a mesma a Terra, a vida é a mesma lucta insana :
Terra ! sempre a gyrar vertiginosamente. . .
Alma ! sempre a mentir ao sonho de que emana !. . .

Terra, eterna ventoinha ! Alma, extranha serpente. . .
—uma, ephemera e vã, outra, inquieta e leviana :
uma, mente á que gyra, outra, gyra á que mente. . .

E, gyrando, evoluindo, annos, evos, millenios,
—dansarina do Azul, a bailar, a bailar,
sahem da alma da Terra—infusorios e genios
e sáe da alma a Belleza eterna e modelar. . .

E o proprio Sol, glorioso e alviçareiro guia
dos naufragos da Treva, exhaustos de cegueira,
já me não entra o ser, já me não extasia.

Pendurado no Espaço, elle se me amaneira
o relógio do Tédio e da Monotonia,
symbolo do Trabalho e da Segunda-Feira ! . . .

Juntando as contas, uma ás outras, conta a conta,
do rosario da Vida ou desfiando-as, na mão,
dou por falta de três, de quatro . . . A quanto monta
a falta ? Cada dia é uma que rola ao chão . . .

Dias que então vivi, desdobram-se em meu seio
como num grande mappa incognito, traçado
com signaes e inscrições, nitidamente, em cheio . . .

Mappa sentimental dentro em mim estampado,
mappa da Alma, de que eu inutilmente anceo
dar no verso uma copia, um ligeiro traslado . . .

Mappa de imagens . . . Nelle, ha geysers e geleiras . . .
Montanhas, alcantis, ermos, valles, areaes . . .
—Desespero em vulcões, Orgulho em cordilheiras,
promontorios de cúme, archipelagos de ais . . .

E ha oceanos rugindo em torno ao continente,
e ha vagalhões, que são as montanhas do Oceano,
a espumar, a ganir, a uivar constantemente . . .

Agua e terra luctando, entre loucura e damno,
pugna de antigos leões, despertos, de repente,
encontro de titans, heroico e deshumano . . .

—Tentaculos do Mar distribuidos á Terra—
andam rios colleando á refração solar . . .
Ilhas que o Mar desfaz, lagos que o Estio aterra,
—lagos, ilhas da Terra ; ilhas —lagos do Mar . . .

FONTES

Tudo isso que no meu coração se transfunde,
que se desdobra em mim e que me faz tristonho,
é uma synthese ideal de todo o Mappa-Mundi.

E é por isso que, quando a vida recomponho,
a razão me vacilla, a alma se me confunde
e subo, ancioso, para o ultimo andar do Sonho. . .

Sonho—resurreição da Vida-Promettida !
Meu refugio, meu céu. . . Sonho, meu templo e lar !
Dá-me,—pois que me dás a illusão de outra vida,
a suprema illusão de não mais despertar !

Dá-me, que já não goso á Terra o antigo encanto,
alegrias de ha pouco, esperanças de outrora,
promessas e illusões que me enganaram tanto !

Só no teu bojo, Sonho é permanente a aurora,
e o firmamento é como um generoso manto
para o pranto enxugar a cada alma que chora. . .

Dá-me tentar contigo a esplendida Escalada,
e antever, presuppôr, tudo o que presuppões. . .
Sonho ! embriaga-me — dá-me á alma desesperada
outros céos, outros bens, outras aspirações. . .



Terra !

A cada vez que se abre, ao meu olhar de Estheta,
a Natureza, em sua intimidade augusta,
à alma de cada cousa, explicita ou secreta,
a minha alma se appõe, se combina, se ajusta
e os seus luctos e os seus suspiros interpreta.

O éco de qualquer voz melodica me fica
no espirito, cantando indefinidamente. . .

O reflexo de um raio, uma paizagem rica
de tons, entra-me o ser, enche-me toda a mente
e ao crystal da retina inda se intensifica.

A impressão olfactiva em meu cerebro toma
a significação de reticencias vagas. . .

Confundem-se aspirar, ver e ouvir : pois no aroma
hauro mundos ideaes, novos céos, novas plagas
de que meu pensamento é limite e redoma.

FONTES

A volupia voraz do Sabor, eu a sinto
em cada favo, em cada essencia, em cada fructo,
não com esse sentir rudimentar do Instincto,
mas com outro sentir, subtilissimo e astuto,
dos que perscrutam na alma o eterno labyrintho. . .

Ver, palpar, saborear, ouvir, cheirar, — são dedos,
cinco dedos da mão do Espirito; que tira
os mais dolentes aís, os acordes mais ledos
da Sensibilidade á pentacordia lyra
de que só ella sabe os intimos segredos.

Para essa invisã mão de dedos tão diversos
a Natureza toda é um limpido teclãdo,
de onde, em nuvens de sons, meias-tintas de versos,
resalta o hymno da Vida, excelso e illuminado,
feito de auroras e crepusculos, dispersos.

Para essa etherea mão de dedos milagrosos,
em tudo, ha um não-sei-quê de extranho e surprehendente,
em tudo ha uma emoção de maguas ou de gosos,
carpindo ou tripudiando ininterruptamente,
nas campinas azúes, nos mares procellosos. . .

*
* *

A Natureza é toda uma solemnidade. . .
Uma renovação. . . um descortinamento. . .
Grão de pollen que se volatiliza e evade,
vae levar a outro seio, ardoroso e sedento,
o germen da Volupia e da Feçundidade.

E, á flórea gravidez dos gynecêos fecundos,
rúbidos pomos são, de continuo, colhidos,
fructos que têm a astral redondeza dos mundos
e o condão de tocar a alma dos meus sentidos
e tornal-a mais funda e tornal-os mais fnndos. . .

.....

Alva—o desabrochar da flôr da Natureza !
Occaso—o emmurcheçar do sol—fructo da Aurora !
Cáe o fructo, e enxameia a multidão accessa
das abelhas do Azul, os astros, céos a fóra,
de oride, em seguida, irrompe o día, de surpresa.

Alva e poente — clarões da mesma Luz sagrada,
almas do mesmo corpo, almas vitaes, perpetuas,
integrações da Vida. . . Horas da madrugada,
horas do pôr-de-sol, perscruto-as, interpreto-as
e sinto na minha alma a dellas, transmigrada !

Nesta contemplação de fetichista, ancioso,
idólatra e christão, ajoelho e me persigno :
depuro-me, sou bom : e, quanto menos ousou,
comprehendo-me que sou do vosso gremio indigno,
ó bemaventurança, ó Todo-Poderoso !

Só é digno de Deus, quem é digno da Vida ;
digno da Vida é quem a cultúa e enaltece ;
e, ao mallogro da fé, mais a fé consolida
e, ao desespero, oppõe um sorriso e uma prece
e, a uma morta illusão, uma illusão nascida.

FONTES

Laus Vita! A Vida é a fé, é o deus sobrevivente
à hecatombe geral das religiões de antanho :
A' discordia, ao fragor das luctas do Presente,
amo-a, sigo-a — só ella, a ella só, acompanho
compenetradamente, inabalavelmente . . .

E dessa religião a natureza é a eterna
basilica, franqueada aos deuses peregrinos,
a cathedral a cujo altar-mór se prosterna
o furor dos tufões, o arbitrio dos destinos,
a voz de cada peito ou de cada caverna . . .

Ao crepúsculo, quando a alma dos céos ajoelha,
e a da Terra lhe imita o gesto e a compostura
e a perspectiva azul do horizonte é vermelha,
ao bruxolear do sol, cujo clarão perdura,
tudo crê — pedra ou luz, tem a mesma scintilha.

Tudo! A propria materia inorganica vibra.
Cantam todos os sons, falam todas as cores . . .
E o planeta, a alma á flux, todo alma, todo fibra,
espiritualizado, abre-se em mil louvores
ao Poder que entre os mais planetas o equilibra.

Apriscos e pombaes, colmeias, formigueiros,
são tantos mundos em que o Mundo se desdobra,
ao despedir o sol seus raios derradeiros
á Creação em revista, á eterna e simples Obra
de que, homem, agua, luz e pó, somos obreiros . . .

E a Immensidade azul ou verde—céo ou campo,
campo ou mar—é o plenario aberto em que se reúne
toda a vida pagã :—a estrella, o pyrilampo,
a innocente columba, o leão feroz e impune,
os cetaceos, a asteria, a medusa, o hyppocampo.

Nessa augusta Assembléa, onde se irmanam todos
 os seres naturaes, todos os elementos,
 entre arrulhos de amor e asperrimos apodos,
 entre hosannas triumphaes, e uivos malagourentos,
 o Orbe revoluteia em movimentos doudos. . .

Um dia, ha-de-cessar inesperadamente
 essa fascinação, esse milagre. Um dia,
 ha-de-fundir-se em gelo o Mar louco e fremente,
 ha-de-paralysar-se a aza da Ventania
 e insensibilizar-se o que vive, o que sente.

Um dia, ha-de-esvahir-se a Flora sob a neve ;
 ha-de, um dia, apagar-se a Luz sob a penumbra ;
 e o Sol, que astro nenhum a defrentar se atreve,
 o sol, que nos provê de alento e nos deslumbra,
 será um diurno luar pallidamente leve! . . .

Mas, si possivel fôr á alma de um visionario
 transportar-se a outro Ninho, imaginado e esquivo ;
 si fôr dado, em algum degredo planetario,
 suavemente viver como na Terra vivo,
 —Terra !—longe de ti será teu este Hymnario !

Do aroma tropical dos teus bosques floridos,
 do espelho multicôr dos mares e dos lagos ;
 de tudo hei-de-levar um éco em meu sentidos,
 numa perpetuação de sentimentos vagos,
 num multiplo bater de corações partidos. . .

Ha-de-ficar-me prêsa ao fundo da retina
 a tua imagem verde e arredondada, como
 o iris de uns olhos bons. . . os da Mulher divina,
 que é de Nossa-Senhora um novo e humilde tomo,
 em que todo meu ser se apura e se illumina ! . . .

FONTES

Ha-de, indelevelmente, estampar-se-me dentro
do seio a idéa deste alegre Panorama
em cuja adoração me esqueço e me concentro
e que ao redor de mim se alonga e se derrama
num amphitheatro azul de que minha alma é o centro.

Alma! quando outro sonho e outra existencia houvers,
lembra-te do Planeta! Ingratidão seria,
Terra, esquecer os bens que em vida nos conferes,
Terra, que me ensinaste a excelsa idolatria
do genio, nos heróes, da graça, nas mulheres.

Meus olhos não são mais que um reflexo mortuario
do esplendor do teu gyro. E são os meus ouvidos
grutas onde se vêm transformar em rimario
a agitação dos teus maravilhosos ruidos :
—trovas de boiadeiro ou canções de operario.

Terra! meu pensamento é a ave de que és o ninho.
Sem teu calôr a chamma animica é fumaça :
Derrama-se, tambem, inutilmente o vinho
e evapora-se dêes que se lhe quebre a taça...
—Terra, meu coração vive do teu carinho.

Do teu halito puro, ameno, oxigenado
vivem os meus pulmões. As mãos com que tacteio,
colhem-te, sem cessar, benção, esmola e agrado,
—os fructos do teu flanco, as flôres do teu seio,
as estrellas do teu Diadema illuminado...

..

FONTÈS

Quando, pois num occaso amargurado e lento,
alma cansada, corpo enfraquecido e lasso,
fôres, desfeita em pó, varrida pelo vento,
—viva-me a Alma—e has-de, ó Terra exilada do Espaço,
existir e esplender, dentro em meu pensamento.



Terra Immortal

Flora ! a Vida a noivar, em nupcias voluptuosas,
na ante-camara verde-azul, aos céos expansa !...
Flora, vegetação... Flora da Alma—Esperança,
que o Amor—flora immortal dos corações, despósas...

Flora... A Terra, no cio, os cabellos destrança,
ourejados de orvalho e coroados de rosas...
E o Céu abre sobre ella as azas luminosas
e no arco-iris lhe manda um abraço de alliança...

Cybele, engrinaldada em véos roscicolôres,
contra os beijos de luz, que, do alto, o céu derrama,
solta beijos sensuaes de gorgeios e flores...

Idyllio. O sol é quasi um coração em chamma.
Flora!... E' a vida, a esperança, a rir nos teus verdores
e a dizer pela voz dos teus perfumes—«Ama!»

*
* *

—Ama.—E irrompe o Verão, sanguineo e luminoso.
E' a ancia, a febre, o clamor das forças excitadas...
Delirios tropicaes, espasmos de alvoradas...
A loucura e o torpor, o exgottamento e o goso.

Phebo, com zelo hostil, as mãos ensanguentadas
de ouro em luz, ronda a Terra em extase e repouso...
Começa a gravidez da Natureza... o Esposo
annuncia-se Pae aos zéphiros e ás fadas.

Chamuscado de sol, o verde da folhagem,
rôxo aqui, rubro alli, desmaia ou se erithreia,
sob a fecundação do seu amor selvagem.

Outomno. Pôr de sol. Descanso. A Lúa-Cheia,
—cortinado nupcial—baixa o luar á paisagem,
baixa e segreda á Terra adormecida—«Creia.»

*
* *

—Creia!—E de cada flor, que sorriu,—de haste em haste,
vieram fructos. A Terra alimentou a Terrã. . .
Terra-Mãe! já floriste e já fructificaste:
pompeou na superficie o que o teu seio encerra.

Veio-te a alma á epiderme. Ergueste em cada serra
o altar da religião que cumpriste e prégaste.
O ouro que sob o pó dos teus areaes se enterra,
não paga o que has soffrido, agrilhoada a esse engaste!

Extendeste de valle em valle a tua Mêsã:
mataste-nos a fome e a sede; e ainda corre,
no teu pranto, o licor vital da Natureza. . .

Neva. E's neve, és só neve. . . E, á neve que te escorre,
ficas branca de corpo e de alma. . . E's a Pureza. . .
Terra immacula! estás santificada: —morre!

*
* *

—Morre.— E a Terra não morre. Em translúcida gaze
a neve se dilue, e, aos poucos, se percebe
uma folha, uma rama, um frouxêl, uma sebe,
olhos de árvore, tons de selva, um mundo, quasi.

E' a Primavera. . . Viva o Amor, que o Amor concebe :
flor, a flor, coração a coração se case :
e o Planeta, no orvalho, em cada nova phase,
beba a renovação, no excelso vinho de Hebe.

E' a Primavera. . . Tudo em derredor se alegra.
Resurreição ! . . . Depois, o Estio o ambiente escalda :
—é o circulo da Vida, a evolução, a regra.

E a Terra—opala obscura,—é esplendida esmeralda,
sob a lapidação do Sol que a côr lhe intégra,
e, ao morrer, com o Luar e os astros a engrinalda. . .

Abril

Chegou abril. Quando abril chega,
a minha simples alma aldeã
deixa de ser pobre e labrêga,
veste o ouro e as plumas da Manhã
e contra as névoas se aconchega
no seu capote azul de lan.

Mal se ergue o Sol da fronderia
que cobre o monte, acordo—sus!
abro a janella. E, assim na pia
faz o christão « signal da Cruz, »
eu molho a mão na luz do dia
pelo signal da Santa... Luz!...

E lavo a bocca na agua-benta
que o orvalho ás plantas distribúe. . .
E o coração se dessedenta
dessas lembranças vãs e múi
vagas, que o espirito apascenta,
do tempo em que ditoso fui.

Abril chegou. Jurei bandeira
no flóreo exercito de abril.
Meu coração é uma trincheira
contra o furor da sorte hostil.
Minha arma é um ramo de oliveira :
e estou armado para mil. . .

Estou armado contra o Tédio,
está-me em festa o coração.
Cercam-me as rosas—lindo assédio !
Quem rompe o sitio ? Eu é que não :
—nas proprias rosas ha o remédio
para os espinhos que me dão.

Esse remedio é aquelle aroma
tão delicioso e tão feliz
que a abelha—o olfacto de azas—toma
a esses thuribulos subtis
que são o ovario e a occulta poma
das flores frescas, nos hastis.

Chegou abril. Sobre a collina
um dadivoso céu se abriu.
E, embaixo, insectos, em surdina,
cochicham num jovial *psiu ! psiu !*
Abriu-se a esplendida officina
da Primavera. Eil-a, surgiu.

FONTES

Está-me a voz débil e rouca.
Tenho cantado tanto assim !...
A alma anda ahi perdida e louca,
livre pela amplidão sem fim.
Que halito bom a encher-me a bocca...
Flora se poz a rir de mim !...

Abril, padroeiro destes prados !
Mez das primeiras illusões !
Leva o teu reino aos desgraçados,
dá-lhes o bem de que dispões,
ó mez feliz dos namorados,
ó mez nupcial dos corações !



Verão

Dezembro. Sol a pino. Meio-dia.
Como está rigoroso este verão !
Céu azul... Campo azul . . . Monotonia . . .
As arvores não têm uma rama sombria :
verdeluzem, lourejam,
estrellejam...
E as aves pousam pela frondaria...
Frustra-se-lhes o vôo... Erguem-se em vão.
Ao calor que asphixia,
desmaiam fulminadas,
rolam da arvore ao chão,
ou no adejo, embriagadas,
baqueiam pelo areal candente das estradas,
baleadas pelo Sol, mortas de insolação...
O lar suffoca. O ar livre é um refrigerio.
O céu é allivio ; o valle é desabafo.
Saio a beber no azul ethereo,
na agua de cada fonte,

FONTES

no verde dos matizes vegetaes,
esponsalicios extases de Sapho,
sonhos de Anacreonte,
arrulhos, confissões, idyllios, madrigaes.
Entro as florestas. Andam no ar, zumbindo, insectos...
Rude e sonora musica selvagem !
A luz se cõa em raios indiscretos
pelos tectos
da folhagem.
Cantam cigarras. Zubem, e o seu grito
crebro e estridulo é como um éco esparso
das martelladas dos ferreiros do Infinito,
sons de golpes cyclopicos
que se repetem de dezembro a março
e cujas chispas luminosas são
raios do sol flammivomo dos tropicos,
incandescencias rubras do Verão.

—Ardei, festivos corações de brasas !
Cigarras e jatys, encantado vos ouço !
ardei, cantae, cantae, que estou maravilhado !
Não vos preocupe o almoço,
nem as honras da casa,
nem me preocupe, si vos desagrado :
—poeta, sou vosso irmão.—Equatoriano e moço,
sou nos festins do bosque, um convidado
com direito a um sorriso e a um ramilhete,
com direito ao banquete,
com direito ao bailado. . .

Trago sêde de lagrimas sómente,
fome de sensações.
E sei que no teu seio, ó flora, ha uma nascente,
de onde os teus versos liquidos compões

para embalar as almas primitivas,
os corações selvagens
dos poetas com que privas
nesses caramancheis de lianas e folhagens
—alcovas esponasas das solidões...

Cantae cigarras, ó saudosos guizos
do carnaval do Estio ! alígera fanfarra
dos crepusculos vagos, indecisos !...

Entre cigarras, sou tambem cigarra.
A alma se desencanta,
arde, vem-me á garganta,
papeia e, aos improvisos,
canta, canta e descanta
numa alegria esplendida e bizarra. . .

Quando, ás indecisões crepusculares,
descerra uma cigarra o coração,
creio ver, invisiveis, pelos ares,
fios sonoros que vibrando vão
num som cinzento, barbaro, exquisito,
numa tremula ondulação dolente,
mixta de extase e grito
e, simultaneamente,
de inaudita harmonia e excelsa confusão...

Para as velhas cigarras cancioneiras,
existir é cantar.
Borboletas do som, nos leques das palmeiras,
pousam, horas inteiras,
almas soltas ao ar...

FONTES

Ao Sol—cigarra eterna, a arder na Altura,
cantae, cigarras ! tanto que cantaes
e a vossa vida ephemera não dura
o tempo ao menos de um de vossos ais. . .

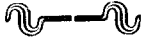
Cantae ! dodivaneae ! aos vossos desafios
que a natureza, em ancias, acompanha,
suavissimos e esguios,
pautam-nos o horizonte da Memoria
os fios
da Saudade. . . E' uma teia, extranha, extranha. . .
E enches, cigarra, a tarde merencorea,
quando o nascente luar doira essa teia
que a alma nos toma, que nos encadeia
e dessa teia
e dessa teia és tu, cigarra, a invisã aranha. . .
A tua musica espontanea
todas as emoções transubstancia
e representa
a partitura tragica da Insania
e a canção dolorosa e lamurienta,
o ramerran da Angustia e da Melancolia. . .

Bemdigamos nós dois, minha irmã cancioneira,
o rubro despotismo do Verão
que te faz estalar de febre e bebedeira
e me embriaga de sonho e de imaginação !

Bemdigamos o Sol, que nos caustica,
mas põe minha alma luminosa e rica
e te cadaveriza em luz o ser !

FONTES

Poeta—põe a seccar as lagrimas do Verso !
Ri, cigarra, da Vida e do Universo,
cujo ideal anda em ti e em mim disperso,
a nos envenenar e a nos endoidecer. . .



Vagalume

Crimes. . . De alguns sei eu de que ninguém a enorme
responsabilidade, intimamente, assume. . .
Meu coração porém, ha um mez, não dorme,
porque matei um vagalume!

E não fui eu—devo explicar. . . Matou-o
o acaso—acaso duro de esquecer!
Soprou-lhe a luz, parou-lhe o vôo,
tirou-lhe o ser.

Luzia o insecto e o vento, louco,
na sua estúpida cegueira,
colheu-o, lançou-o em pouco,
á poeira!

E o alado pingo que o tecto
pontuava na escuridão,
rolou, abjecto,
no chão. . .

*
* *

Não fui eu, foi o acaso... (Acaso máo !...) Pisei-o !...

—Um vagalume, um pobre insecto inoffensivo !...

Bate-me sempre o coração no seio,
si na memoria o acto revivo.

Quizéera, ao menos, ver-lhe o corpo exangue,
reanimal-o... Mas ai ! nunca o supuz :
já se esvahia, em flavo sangue...

Sangrava em luz...

Aquella massa inerte e fria
era uma astral gotta de orvalho,
um ai de sol que fluia
no soalho.

Era a sua alma exhalada
alli... era porque não ?
uma alvorada
no chão...

*
* *

Ante o cadaverzinho innocente do insecto,
que nunca ha de sahir dos meus olhos, não ha de,
minha memoria ajoelha, em magoa e affecto,
dôe-me uma tragica saudade.

Bem poderia ser uma semente
de astros o insencto a que eu, sem o prever,
abrupta e involuntariamente
tirei o ser.

Tão pequenino, e em si prendia
duas virtudes num abraço :
o brilho e o vôo... Era o dia
e o espaço.

Ainda morto, o seu lume
phosphoreia, no crysol...
Um vagalume
é um sol.

*
* *

Vaidoso ser ! Aspiro á luz, aspiro ás azas,
quero voar e brilhar, tenho sonhos inquietos :
e eu, que nunca me erguí além das casas,
julgo-me acima dos insectos...

O vagalume... Com que altivo orgulho
vejo um luzir, tremer, voar e passar !
—immerge e emerge, num mergulho
secco, pelo ar...

O meu orgulho, extranha cousa !
O meu Orgulho, pobre escudo!
Ergue-se, um dia, uma lousa...
e eis tudo !

Invejou-me a sorte, aquelle
saudoso insecto?... Pois eu
invejo a delle:
— Morreu...

Palmeira

Palmeira do Deserto, exúl pernalta,
debruçada num pantano de pó !
que—scismando—mantém a cabeça tão alta
e—alma anciosa de amor—vive insulada e só...
E, pensamento no Alto e raízes na Terra,
a subir, a subir numa ascensão sem termos,
em si mesma se isola e se desterra
e enche com seu períl esguio os plainos ermos...

E, á Augusta aspiração de hobrear com as estrellas
nas paragens interminas, tranquillias,
para, em luz, excedel-as
c, em altura, attingil-as,

sobe mais, sobe... sobe, imperturbavelmente
na linha vertical do Orgulho e do Character,
esquecida da Terra, á qual deve a semente,
a energia vital, a força-mater
que a eleva para o Azul como verde estandarte
imponente
largado á viração que em azas o reparte...

E—hyphen posto a ligar o Mundo e o Espaço,
isthmo que se interpõe entre dois infinitos—
esconde sob o areal hispido e baço
as raizes, que são tentaculos egoistas,
—tentaculos de polvo subterraneo
mergulhados no solo e ao solo adstrictos;
e desabrocha no ar a cabelleira em palmas,
palmas de incognitas conquistas
que lhe aureo!am, cocar e estemma, o excelso cranco
sobreposto lá em cima ás auras calmas,
ás auras passageiras
que andam adormecendo as almas das palmeiras
para, assim, surprehender as verdadeiras
entre as, tão poucas, verdadeiras almas...

—Palmeira que ousa ser estrella e se destaca
dos seres vegetaes
e, mais forte se põe, mais se acredita fraca,
e, mais se eleva, mais aspira a subir mais;

e, ao sentir-se attingir o Sonho inatingivel,
prevê a humilhação de reverter ao nivel
das arvores modestas que excedeu

—eis-me, Palmeira humana,— é o que sou eu!

FONTES

Tudo—imaginação e pensamento !...
—Azas loucas da minha Phantasia !
—Azas a cujo arfar os meus pulmões sustento,
sonhos a cujo vôo a minha alma se alteia
e a contingencia humana desafia
—velivolo a singrar os gorgolões do vento,
navegando na lympha astral da Lua-Cheia,
perdido céos em fóra,
navegando e vogando,
nafragando
num luminoso mar de aurora !...

Preso o Espirito a essa orbita sombria,
como aquella palmeira soberana
que, assediada no immenso horizonte de areia,
pompeia no deserto, e, tal pompeia,
de uma soberania abstracta e vã se ufana,
que resta ser agora ?
Palmeira—desgarrou-se e sobrepoz-se á flora...
Homem—perdi, de todo, a condição humana
na ascensão para o Bem, no caminho da Aurora...

Que resta ser ? Tornar ao que era ? !
Desandar e descer ? ! Poeira, voltar ao chão,
alma, volver a fera,
flor, a acúleo, anjo, a serpe ?... Horror, desillusão!...
Homem —ser homem-fera,
animal que se apieda e se exaspera,
falso e bajulador, lobo, hyena ou cão ? !...
Palmeira—rastejar, como as ramagens de hera,
ser lichen, ser pó verde, limbo—méra
migalha germinal de primavera...
Flor, innocua; alma, vã; poeta, infecundo ? Não.

Palmeira do Deserto, exul pernalta !
Desarvorada nau num pelago de pó !
Prisioneira e infeliz, mas tão alta, tão alta,
reinando em seu exilio, incompreendida e só !
Palmeira, altar das aves erradias,
pharol do sahara das melancolias,
miragem dos beduinos,
Pythoniza de mutiplos destinos,
sempre alta e sempre só,
religiosa, solemne, evangelizadora,
triste como si fôra
nas planicies vasias
a estatua vegetal de Jeremias,
a esculpturização da alma-lilaz de Job !

Palmeira sonhadora, phantasista,
alma em flor, seio em flor, aos céos aberto !
Palmeira symbolista,
és bem a imagem de São João Baptista
prégando no Deserto !

Somos no mar da Vida ondas predestinadas
á penitencia da Meditação :
as palmeiras, no Sahara, as cruces, nas estradas
e os herões, nas cruzadas,
as mesmas almas têm, uma só alma são...
—sombras de religiões indecifradas
no eterno sacrificio e na eterna illusão...

Palmeiras, não ergaes tão alto as vistas !
Homens, não motejeis de almas rasteiras !
Ha homens cujas vistas
pairam alto, tão alto, em tal esphera,

FONTES

na esfera luminar das coisas imprevistas
onde o alveolo dos sóes noutros sóes prolifera,
homens existem, de almas altaneiras,
que, na Floresta Humana, são palmeiras.

Homens-palmeiras, tantalos da Vida !
almas excepcionaes que nos trazeis
uma missão incomprehendida
pela visualidade estrabica dos reis !
Almas de formação perpetua e lenta
no circulo da Graça indefinida . .
—Graça cuja desgraça augmenta, augmenta
á proporção do vôo e da subida !

Ha-os . . . Palmeiras-reaes do Pensamento,
almas-santelmos, vidas-atalayas . . .
Mas, quantas almas dessas ha ? Contae-as,
não achareis um cento.

Nellas gotteja em lagrimas a Magoa
e ferve, em chispas de ouro, o Amor . . .
Cimos—nunca lhes falta gotta d'agua,
da agua do Dissabor . . .
Almas-oasis, homens-sentinellas,
incompactiveis, verticaes palmeiras
do Dever !
Velas,
Velas alviçareiras
que surgem, para desaparecer.

Homens . . . Palmeiras . . . Cruzes das estradas . . .
Monges na Vida . . . Quantos ha ? Alguns . . .
São longinquas silhuetas apagadas
que, á sinistra surpresa dos simuns,

FONTES

crescem, e se dilúem ás lufadas
ou ficam, almas virgens, sem labéos,
ficam sonhando eternas alvoradas,
crepusculos eternos,
precipicios e infernos,
paraísos e céos. . .

Palmeiras, vosso ideal é tão incerto ! . . .
Pois será crime andar sonhando ? Não.

Palmeiras—sois os poetas do Deserto !
Poetas—palmeiras sois da Civilização !



Flor e Fructo

Ser flôr—que aspiração irreflectida !
Que pensamento frívolo e ôco,
o de ser sonho, á real contingencia da Vida !

Ideal sem causa, ancia de louco !
aspirar a um hastil, quando se tem um sólio,
é ridiculo e pouco... muito pouco...

Tal o Homem : diz-se o rei da Natureza, e sonha
ser flor—sacrificar-se a um tibio amplexo eóleo,
ostentar—por um dia—a corolla risonha!...

Espirito banal, esse que aspira
a ser ephemero, contanto
que ande de mão em mão, cante de lyra em lyra...

Venus, camelia! Phebo, helianto !
Mas... si não fôra o Sol, que os baptiza de aurora,
e a Noite, que os orvalha e unge de pranto...

Ai ! flor, gotta de sol ! Falte-lhe a gotta d'agua,
murcha, apaga-se e expira. . . E, luz, se descolora !
e, sorriso auroral, crepuscúla, de magoa !

Nunca a um cego qualquer de veste rôta
matou as trevas, nem a sêde,
posto que evoque a luz e rebalsame a gotta !

E ha no seu calice, entrevêde :
o aroma que é o phanal por que se guia o olfacto
e embala os corações, como uma rêde. . .

Deixa uma haste a gemer, para triumphar num collo.
Triste ai primaveril—faz-se beijo insensato
e corre a desmaiar entre Zephiro e Eólo. . .

Si a poupam, mão e insecto, e a deixam na haste,
a flôr se julga sobre um throno :
uma estrella aromal deslocada do engaste. . .

Mas ali morre, ao abandono,
sem a ninguem ter sido util em cousa alguma,
salvo, quando a transforme em fructo o Outomno.

Morre. . . e as pétalas vão, no silencio da estrada,
decompondo-se, pouco a pouco, uma por uma,
como suspiros de uma Alteza desthronada. . .

Flor, deusa vegetal de fatua côrte !
outrem, não eu, te exalte ! quero
â mais triste, á maior humilhação expôr-te !

Por teu anáthema, severo,
onde o circulo foi da tua Dinastia,
fique, apagado, o circulo de um Zero !

FONTES

Vós, que á Immortalidade aspiraes! nascituras
almas ! ride de quem ás flores se extasia :
Seus propios berços são as suas sepulturas...

Certo é que em flores vividas, vermelhas,
busca saciar-se o vagalume,
o esquivo colibri, as trefegas abelhas.

Mas o que encerra, o que resume
o ser de cada flor, deante das leis da Vida,
é a volatilidade do perfume. . .

E' o passageiro viço, a harmonia que enleva
—superficialidade inutil e fingida
com que pompeia, á luz—filha humilde da treva !

Ah ! mas ser flor é ser a gentileza :
—colhe-a e offerece-a á tua dama,
por quem anda a alma ciosa, incandecida, accêsa !

Symbolo exceiso, a que se acclama
a Perfeição eleita—a Graça feminina—
que nos atráe, como ao ophidio, a chamma.

Ser flor é, sendo-a, ser matiz e redolencia :
ser labareda e ser, depois, fumo. . . neblina. . .
ser luz e se diluir em dubia reticencia. . .

Para mim, flor, esplêndida ou mirrada,
a mim que, sou Poeta e Vidente,
és, no intimo sentido, uma miseria. . . nada !

E, sítens alma e essa alma sente,
todavia te falta ao calice impolluto
a virtude de amar sinceramente.

Falta-te um coração modesto e resignado
para sacrificar-se e morrer, como o fructo
que se mostra feliz em se ver saboreado !

Ser fructo —minha aspiração, honesta !
Dar vida á Vida, agonizando,
pois é o fructo que o sangue aos insectos empresta !

E, assim, morrer nascendo, quando
mata á fome infantil das tenras avezitas
que mal se vão aos vôos ensaiando !

Ser fructo é ter, na polpa estuante, a alma surpresa
á aspiração astral das coisas infinitas,
ao materno esplendor de toda a Natureza.

Borboleta que os lóculos lhe invade,
bebe em sua intima doçura
o licor da Saude e da Felicidade. . .

Flor é vaidade, só e pura :
fructo é dedicação, piedade verdadeira
—hostia em que a alma das plantas se depura.

Ai ! fructos ! . . .—Prometheus ao peciolo agrilhoados,
esperando que o insecto—abutrezinho—queira
roer-lhes o coração, remir-lhes os peccados. . .



Uva

—Perola vegetal do escriptorio de Pomona,
Rima de ouro de um poema invisio—o Paladar—
bem haja, Uva, a estação que o ovario te sazona,
para a mão te colher e o labio te sugar !

Gotta de agua que foste—espumejaste, á tona
da parreira—esse rio aéreo (a Flora é o mar). . .
Beijo—crystalizaste em fructo, que impressiona
pelo gosto subtil, pela côr singular.

Dentro em teu beijo oval, ha um mundo pequenino:
um mundo de sabor, em que se dissimula
a consciencia da falta, o odio cego e vilão.

Pilula do Demonio —és tu, cujo destino
é excitar-nos a sede, illudir-nos a gula
e pontuar—pingo verde—a Embriaguez e a Traição...



Mar :

FIO DE AGUA

O' LAGRIMA DA PEDRA, O' VEIO DE AGUA,
QUE SOBRE VEIOS DE OURO TE ESCORREGAS
E SAES BATENDO AQUI E ALLI, A'S CEGAS,
CONTANDO, A RIR, A TUA MAGOA !

AS PEROLAS DO MAR SÃO TÃO VASIAS. . .
E EM TUAS GOTTAS —PEROLAS DA TERRA—
UM MUNDO EXTRANHO DE MELANCOLIAS,
UM MUNDO EDENICO SE ENCERRA.

CORRE. . . E QUE NUNCA AS TUAS AGUAS TISNE,
NEM TAS MACULE A POEIRA DA VEREDA.
FONTE, NÃO SERAS TU A ALMA DE LEDA,
E EU A ALMA BRANCA DO SEU CYSNE ?

FONTES

DOS OLHOS E DA BOCCA DESSA INERTE
ROCHA, EM FLUIDO CRYSTAL, BROTA O TEU PRANTO :
PETREA BOCCA DE ESPHINGES TAMBEM VERTE
AS PROPHECIAS QUE DESCANTO.

DA BOCCA DOS SEPULCROS, FRIA E IMMOTTA,
(MYSTERIOS ! DEUS OS PÕE E O POETA INQUIRE-OS.),
FLUEM FONTES DE ORVALHO PARA OS LYRIOS,
SA'E O PERFUME, A VIDA BROTA.

E DA BOCCA HIANTE E MA' COM QUE DEGLUTTO
OS TEUS ATOMOS DE AGUA, JA' DISPERSOS,
SALTA O CORREGO LIMPIDO E IMPOLLUTO
DO MEU SORRISO E DOS MEUS VERSOS. . .



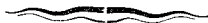
RIO

—Bojuda serpe, docil crocodilo —
colleia o rio. . . Atrás, uma montanha
figura um cavalleiro a perseguil-o
de longe. . . E, distanciando-se, o acompanha.

Adiante, o bosque todo se emmaranha
para deter-lhe o curso e constringil-o :
o rio, surdo e cego á ameaça extranha,
vae correndo, monótono e tranquillo. . .

Abre-se o abysmo alli para tragal-o :
e o rio, dorso ondeante ao beijo eóleo,
salta, a crina a fluctuar. . . regio cavallo !

E ancho, e triumphante, como um rei no solio,
avança para o Mar, quer dominal-o. . .
E o Mar, que o espera, num boccejo, engole-o. . .



Mar

Mar, tumulto dos veios correntios,
mar, tumulto dos rios,
berço das tempestades fragorosas !

O' mar, tumulto e berço dos navios !
O' mar de contracções e de arrepios !
O' mar de espinhos, mar de sedas, mar de rosas ! . . .

O céu desfez-se em pranto, ennevoou-se de espumas,
estrellou-se de perolas e de ilhas,
rolou á Terra : é o mar ; são vagalhões as brumas.

Mar, espelho do céu : e semelhante
ao céu, mar inconstante :
taça de provações, cofre de maravilhas . . .

Versatil, dubio interprete da Vida !
O céu, diante do mar, se julga diante
da sua propria imagem repetida.

Reflectores das cóleras divinas—
são elles o principio originario
das opulencias e das ruinas.

O' mar parasitario, sorvedouro !
bebes em cada estuario
almas em fuido mineral, em ouro.

O' céu de varios tons e varias gamas,
bebes em cada aurora
vidas em fogo, corações em chammas !

Velados pelo azul do ether e da agua,
mal escondeis a angustia que dissóra
na espuma, salso orvalho, flôr da magoa.

Mal escondeis nas dobras do sudario,
ó céu—ó mundo ethéreo, ó mar--o' mundo equoreo,
o vosso coração religionario !

Nem os torculos magicos e bellos
das vossas forças—o laboratorio
de aljos thesouros e hórridos flagellos...

Céu, mar parado, de ondas quietas, suaves...
Rasgam-te o seio e não te deixam sulco
as passageiras aves !

O' mar de eternas cans e gestos graves !
não deixam traços em teu ambito hiulco
quilhas de naus, azas de naves.

*
* *

Na lucta pela vida, o mar é um grande
heróe, um luctador vencido e preso.
E' o «Rei-Lear» da Creação : mas não expande
o seu fundo desgosto e arduo supplicio,
pela fria victoria do Desprezo,
pelo heroismo interior do Sacrificio.

E' incrível que no seu herculeo peito
affeito
á tormenta e á bonança,
tenham guarida as fúrias do Despeito.
No entanto, quando o Mar ás naus se lança,
o odio distilla em vagalhões desfeito,
sob a idéa sinistra da Vingança! . . .

Mar, legendario leão enjaulado na raia
dos polos e dos quatro continentes !
Leão de juba que ao, Vento, ora, ondula, sra espraia,
leão de garras de espumas, alvos dentes. . .
Leão cujo coração arde, estala, desmaia
e revive nos seus clamores eloquentes. . .
Leão que vives á caça e andas de praia em praia,
á tocaia
dos rios—cordeirinhos innocentes
que vêm dessedentar-se em teus dois seios, Naya !

Eu te bemdigo, mar de vagas querulas,
que choras perolas !

Eu te bemdigo, mar de sedas e de plumas,
que ris espumas !

Eu te bemdigo, mar-Saudade, mar-Tristeza,
mar, Prometheu da Natureza !

Mas te maldigo, mar omnivoro,
leão carnivoro,
mar tyranno,
mar de aventuras e presagios,
de maremotos, de procellas, de naufragios,
Oceano !

—De nervos tensos e de nervos frios,
esperas e salteias aos navios,
salteador !

De nervos tensos e de nervos frios,
engoles um por um todos os rios,
devorador !

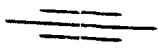
Eu te maldigo, mar sinistro, taciturno,
Neptuno, que destrues sombras e brilhos,
destruidor !

Neptuno, hostil, o' mar, novo Saturno,
devoras, um por um, os proprios filhos,
filhos, quiçá, do teu primeiro amor !...

Eu te maldigo, mar que odeias,
que negaceias
para saciar o teu rancor !

Mas te bemdigo, mar, que suavemente ondeias,
que aflagas e fecundas as areias
e abres o coração, nas Luas-Cheias...

—Mar idyllico, mar feliz, mar trovador...



Marinha

Alto-mar. Mar e céu. O olhar mal descortina
uma nesga de terra, uma sombra de rocha.
A nave é um colibri, o pélogo é a campina,
arvore, a vaga, e a espuma é flôr que desabrocha.

Erguem-se os vagalhões, de minuto em minuto.
Solidão e silencio. O Mar é soberano :
elle só—fala e impõe ; elle, o Mar, absoluto
—Valle de Josaphat dos rios. . . elle, o Oceano.

Passam, ilhas de ferro, as frotas bellicosas,
—ilhas andantes, naus, velas infladas, cheias. . .
Avança um vagalhão—cobre-as de fluidas rosas,
e outro as arrasta, á voz maviosa das sereias.

E' o Mar : frio e desleal, indomito e iracundo.
Maravilhas de força e artificio—os navios,
estonteados num tal phrenesi, vão-se ao fundo,
rolam a apodrecer nos barathros sombrios.

FONTES

Elle só é o poder ; elle, o forte, elle, o invicto :
á pressão muscular dos seus dedos gigantes,
penhascos, alcantis, o calcareo e o granito,
pulverizam-se, e a poeira é espuma, a alguns instantes.

Só ao Céu, por ficar acima dos seus saltos,
não leva o Mar os seus instinctos de alma-fera;
pois não chegam, ainda os vagalhões mais altos,
ao primeiro degrau do solio azul da Esphera.

A' ambição de attingir o Infinito, ao insano
capricho de ser céo—profundidade e altura—
e exceder-se a si mesmo, ao proprio mar, o Oceano
dá a dia, uiva, impreca, insulta, ameaça e jura. . .

Pobre Mar, força fluida e eterna, de que brota
—derramamento de alma,— a alma da Terra, esparsa !
Tão forte—e não contém os vôos, á gaivota !
Tão bravo—e não supera os remigios á garça !

Emquanto elle esbraveja em cóleras e ganas,
recluso o coração, sem que a ninguem se queixe,
ímpares e em casal, livres e doidivanas,
descem as aves, cerce, e vêm colher-lhe o peixe. . .

Sobem, de novo, vão e vêm. . . De quando em quando,
paíram, como a dizer-lhe ás aguas sem repouso :
«—Entramos-te o dominio e te ficas, ladrando. . .
Pois vem cá, si és capaz, ó velho presumçoso !. . .»

«—E's força e estupidez, musculatura, apenas.
ó colossalidade estupidificante. . .
Ha mais gloria e poder no vôo das phalenas
do que no bambolear pesado do elephante. . .»

FONTES

*
* *

Aos dramas de outro mar (o mar intimo da Alma)
de onde o meu desespero, intermitente, brota,
ameaço terra e céos.. Chegas, e o mar se acalma...

Que temeraria és tu, minha esquiva gaivota !...



Mar pleno

Um blandisono sopro de bonança
plana por sobre o Mar. Tarde aprazível.
E, ás caricias do Vento, o Mar se estende e amansa,
na mesma linha, ao mesmo nivel.

E' azúl o Mar, é azúl o Céu. Dir-se-ia
um lago azul numa redoma azul. . .
Azul, no ether e na agua ; e, no azul, a harmonia
embaixo e emcima, ao norte e ao sul.

Calma. Subito, irrompe da agua, astuto,
astuto, esvelto e rapido—o espadarte.
A agua se turva, o azul se turva e, num minuto,
a vaga espuma e se biparte.

E' elle ! . . . Vem á tona, desce ao fundo,
surge, desaparece, e, assim, revél,
mergulha ou resfoléga, indomito, iracundo,
agil, marítimo corsel.

FONTES

Ora, é uma agulha de aço —vae cosendo,
dobra a dobra, o roupão de anil do Oceano;
ora, é um gladio, na mão de gladiador tremendo,
athleta da agua, Attila insano.

Longe, se nubla o céu. Dois grandes jactos
brancos se elevam sobre o mar. . . E' além,
e já o céu e o mar estão estupefactos. . .

Sús ! E' a baleia que ahi vem. . .

—E' a baleia. Dirieis um pedaço
de continente, uma ilha, um promontorio,
ou um descommunal transatlantico de aço
fluctuando sobre o dorso equoreo.

Lá vem. E' uma collina movel, donde
fluem dois geysers de agua fria. . . Atrás
ha uma restea de espuma. . . O espadarte se esconde,
foge, mas surge, adeante,—zás !

E' a lucta. O mar espuma. A espuma é poeira
liquida, e o azul do céu fica embaciado.
E' um combate pagão. . . entre uma torpedeira
e um formidavel couraçado :

—A Agilidade e Força. Horrivel prelio.
Não ha espectadores. . . Mas, depois,
todo o Oceano estremece, a pugna alheia impelle-o,
e elle, tambem, lucta entre os dois. . .

E' a lucta, que os sentidos estonteia
e os instinctos embriaga, parte a parte.
E o elephante marinho, o cetaceo, a baleia,
cede, porfim. Vence o espadarte.

Vence e desaparece na agua, enquanto
—bojudo esquife enorme—erra, e faz dó,
a baleia, a arrastar, pelo azulado manto,
uma agonia, lenta e só !

Serenam mar e céu : entre boccejos,
cochila o Dia. . . E o Céu, de ouro esmaltado,
sobre o mar, que semelha um adro de azulejos,
é um luminoso cortinado.

E é tudo azul. O Azul canta a harmonia
céu a céu, onda em onda, norte a sul.
Azul no ether e na agua. Azul e azul. . . Dir-se-ia
o Azul casando-se ao Azul. . .



ALMA



Sonhos. Scismas. Extases

Alma

—Alma, fonte das fontes ! alma humana,
fonte de idéas e de sentimentos !—
Della gotteja e flue, della espadana
a agua lethal dos impetos violentos. . .
—Extranha fonte, fonte da alma humana !

Vêm della, excelsa fonte da alma, a insana
cólera, o desespero, ais e tormentos. . .
Della, o desgosto que nos desengana
e mata á mingoa os corações sedentos. . .
—Fonte maldita, fonte da alma humana !

Mas della é o sonho que me banha e engana
na sua agua lustral de fluidos lentos
os meus dias felizes. . . Della emana
o rio eterno dos meus pensamentos. . .
—Miraculosa fonte, a da alma humana !

FONTES

Fonte das fontes, fonte da alma humana,
fonte matriz das outras almas!... Poentos
da dolorosa lucta quotidiana,
nella se apuram nossos sofrimentos,
na alma, na eterna fonte soberana!

Della nascem as lagrimas. Promana
pranto aos olhos; aos labios, os lamentos...
Da luminosa fonte da alma humana,
chora a Tristeza em funebres «mementos,»
canta a minha alegria, soberana.

Della, da fonte da alma, sobrehumana,
—tal dos marinhos floculos nevoentos
Aphrodite nasceu—della dimana
o Amor—a gloria, o bem, os elementos
supremos da Felicidade humana. . .



FONTES

SONHOS

Fonte Eterna

Paixões. . . doenças da alma. . . tive-as,
mas porque as tive de mais,
de arrulhos, vieram lascivias. . .
Depois. . . peccados mortaes. . .

Tenho-as extinctas e rôtas. . .
Ruina de sonhos. . . Babel! . . .
Quantas ? Contae pelas gottas
que enchem meu calix de fel. . .

Gottas d' alma, azúes e jades,
gottas d' alma, ais de crystal,
—meu rosario de saudades,
—teu collar antenupcial. . .

Olho-as, contra a luz, accêsas,
que lindas ! que lindas são !
—Constellação de tristezas,
—vialatea do Coração. . .

Dessas gottas (Que venenos!)
a que do teu ser deriva,
si não foi sempre a mais viva,
foi a mais limpida, ao menos.

Só ella agora presiste
na taça do meu Amor.
E era, no entanto, a mais triste,
mais triste e mais incolôr !

Certo ! Coisas de quem ama ! . . .
Os verdadeiros amores
não têm côr; tadas as côres
Solfejam na sua gama :

Ora é violento—vermelho,
ora, branco—virginal,
ora, immáculo—um espelho,
ora azul—um madrigal . . .

Teu nome é a mais linda conta
do meu intimo rosario.
E o valor ? pelo a que monta,
creio-me até millionario . . .

Millionario . . . No outro mundo,
valerão moedas os ais . . .
O' gottas com que me inundo !
O' gottas que me abrasaes !

Gottas d'alma, frias brasas
dos passados esplendores !
em vez de queimar-me as azas,
daes-me aza a novos amores. . .

Phenix, o amor ! nunca morre. . .
Não morre, e ha razão de ser :
tambem a fonte que corre,
mais corre, mais quer correr. . .



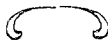
Devaneio

Para te engaiolar, como se faz ás aves,
arrei-te um alçapão nos meus olhos ; vê bem :
Ha já mezes. Mas, pois que suppões coisas graves,
foges a cada dia e nada te detém.

Que julgarás de mim, para que assim aggraves
a minha expectativa em desesperos ? vem !
Olha, que, si te apanho, um dia, a sete chaves,
só eu te adorarei . . eu, só eu, mais ninguém !

Sabes ? em liberdade, o perfume se evola.
O aroma, para o estojo, a ave, para a gaiola...
Borboleta—has de vir pousar em minha mão. . .

O' Volubilidade ! ó Doidivaneamento !
Um instante. . . ouve aqui. . . pára, só um momento,
na gaiola do meu infeliz coração. . .



Chiromancia

Cinco dedos

a Natureza pôz em cada mão. . . E, taes,
que alguém que estude a causa aos naturaes segredos,
vê que ha razões de ter cada mão cinco dedos
—razões fataes !

Tambem cinco

são os sentidos ; cinco, as sensações. . . e são
cinco as raizes da Alma, onde têm força e afinco
es sonhos. . . E, por isso, é que os dedos são cinco
em cada mão.

E' por isso

que os antigos, nas mãos, por multiplos signaes,
liam os predestino, o caracter, o viço,
os sentimentos, ou, em consequencia disso,
as leis moraes.

FONTES

E, decerto,
ha relatividade entre o espirito e a mão :
eu leio em certas mãos, como num livro aberto,
a espiritualidade. . . e, portanto, e, por certo,
o coração. . .

Quando, ás vezes,
calam o labio e o olhar nossos intimos ais,
juntam-se as nossas mãos, e os meus dedos—torquezes—
premem teus dedos. . . e ha revelações, ás vezes,
sentimentaes. . .

Nascem da alma
nossos sentidos. . . Cinco « azas de precepção » . . .
Os cinco dedos vêm, prolongam-se da palma. . .
Dahi, a relação moral entre a nossa alma
e a nossa mão.

Avalio,
quando, mãos dadas, vejo amantes, aos casaes,
que intimas confissões de almas em desvario,
dentro daquellas mãos ! Avalio. . . avalio
quantas e quaes !

Adivinha. . .
Adivinha tu mesma : escondo-te essa mão
entre as minhas. Depois. . . a tua mão e a minha. . .
Que ha entre as minhas mãos ?—Tua mão ? ! Adivinha. . .
— . . . teu coração. . . !



A Visão do Som

A saudade do Som... não a saudade incerta
do que elle evoca, mas do proprio Som,
pelo que nos desperta
de sobrenatural... extranho... suave... bom...

A saudade do Som... A da Luz, a das Côres,
é ephemera... nem tem razão de ser :
que em raios promissores
o Occaso, ao se apagar, semeia o Alvorecer...

A lembrança visual passa, tão breve passe
o que ella anima, as formas que traduz,
pois que têm dupla face
as coisas que revela a irradiação da Luz:

Nasce da paz dos céos e dos mares serenos
a tempestade. Ha espinhos, nos rosaes...
No ópio, ha subtis venenos
que embebedam de sonho os gemidos finaes...

FONTES

Na abóbada que o Sol enche diluvialmente
de ouro etéreo e impreciso, de ouro em pó,
o humano olhar descrente
vê névoa e sombra, sombra e sombra. Treva. E só.

Só o Som nos commove e não nos decepciona :
illude, sem, depois, desilludir
e nos conserva, á tona
dos sentimentos, a alma, a soluçar e a rir.

Só o Som não nos tráe, quando nos delicia :
dá-nos a alta alegria espiritual
de chorar, na Harmonia,
de soífrer, na Illusão, de succumbir, no Ideal.

A saudade do Som. . . a memoria do Ouvido. . .
a sonora volupia de lembrar
o desejo esquecido
que não logrou a mão sentir, nem, vê-lo, o olhar !...

Ai ! dos que amam os Sons pelos Sons e lhes ouvem
no syllabario mystico e pagão
delirios de Beethoven,
soluços de Chopin. . . desespero e illusão. . .

Porque o Som é o primeiro ensaio da alma, a prova
da emoção concebida. . . A ancia feliz,
a antiga, a sempre nova
graça. . . O primeiro véo. . . o primeiro matiz. . .

A primeira expressão, forma, exterioridade
dos nossos pensamentos, ao transpôr
a nebulosidade
da primeira alegria ou da primeira dôr. . .

E' a lingua universal das almas dolorosas.
Colloquiam no Som—lingua pagã—
os passaros e as rosas
e pelo Som, coaxando, aspira á estrella a ran. . .

Pelo Som, sobe a Deus a alma inebriada e louca :
—é uma sonora escada de Jacob. . .
Casam-se o Ouvido e a Bocca
pelo Som ! Pelo Som, casam-se a Luz e o Pó !

A luz — origem da alma ; o pó, de que deriva
o corpo. E entre alma e corpo é o Som, talvez,
o Verbo, a idéa viva,
o iman, a integração, a vida, a esplendidez. . .

Luz em pó. . . nebulosa. . . estrada de São Thiago. . .
Torvelinho de sons, accordes. . . Sois
o éco, o reflexo vago
do que ereis antes e do que sereis depois.

E o Som, que canta, e é a voz feliz das cousas tristes,
pinta toda a paizagem, derredor.
Geme um violino : vistes
que mundo, nessa ideal sonata em ré-menor ?

—Uma collina. Perto, um rio se desata. . .
Maio em flôr. Um pombal. A cópia é fiel. . .
Ha naquella sonata
a saudade e a visão : Schumann e Raphael. . .

Em que desolação funeraria me enfurno,
quando, sombria e pallida, te pões
a chorar um « Nocturno »
e a semear dentro em mim ais e desillusões ? !

. . . Tenho a impressão de ver um tunel negro, aberta
cada bocca, espreitando o tardo luar
e, a cujo horror, desperta
negro e funereo, um cão, terrivelmente a uivar. . .

Rumôr de árvores. Vento...—«Automne»...Chaminade.
Frondes ciciando. . . E, a esses lamentos vãos,
soluça-me a saudade,
a saudade dos sons. . . da intérprete. . . e das mãos. . .

Cantam ! Vejo um gradil. . . jasmim em trepadeiras—
e um jardimzinho e um vulto branco, si,
às horas costumeiras,
ouço de extranhas mãos o que, ao teu lado, ouvi. . .

Chopin...E aquella valsa...? Ah ! pudesse eu dizer-t'ó !
Ah ! delicias de crer ! sonhos de então !. . .
Lembras-te ? era um concerto. . .
E o baile. . . Eil-o a bailar. . . maldito, coração !

Grieg. Ah ! este é, decerto, um pintor sobrehumano.
Ouvil-o é vê-la, o olhar erguido ao céu,
no seu altar—o piano—
elevando até Deus meu pensamento incrêo. . .

Aproximo-me e digo, anciante a voz : « Divina ! »
Interrompe-se. . . volta-se. . . e me vê.
—«Vamos. . . vamos. . . termina!»
E ella, a um sorriso, sáe, não sei bem porque. . .

Sáe, mas fica-me na alma a alta visão da Vida,
pela Harmonia. . . E' um sonho excelso e bom.
E a alma fica invertida,
ouvindo pela Côr e vendo pelo Som. . .



Diario de um Sonho

I

A que sonhei para ser minha—agora,
realizada no teu excelso Typo—
enche os meus nervos e os meus dias, mora
em mim e em tudo de que participo.

Vel-a é já ser feliz : vejo-a... E ella... ignora
que a vejo... E, si me vê ou não, dissipo
a alma em sabel-o, com o ardor que, outrora,
teria posto em decifral-o Edipo...

Trazes do Sonho de que me despertas
—a limpidez da aurora, mal nasci !a
—a frescura das rosas entreabertas. . .

Vejo-te : sou feliz. . . porque supponho,
vendo-te, ver—primeira vez, na vida !—
a Realidade mais feliz que o Sonho !. . .

Depois de a ver, sem que o esperasse (o Acaso
é-me credor desse alto beneficio !),
dentro de um grande sonho esponsalicio,
fui ver o Mar e achei-o estreito e raso.

E debrucei-me sobre o precipicio,
quando mais era suggestões o Occaso :
e o espirito ficou-me ermo e desaso
às sensações do Poente aureo e punico. . .

Immenso, o Mar, que da alta Esphera dista ? !
E Ella, que me enche os céos e os mares, Ella
que, inda os olhos fechados, me enche a vista ?

Profundo, o precipicio ? O Ideal, comtudo,
excellé á altura e á profundeza. . . E Aquella
que excellé ao meu Ideal, excellé a tudo. . .

Meu sonho de hontem foi assim : havia
 um templo. Deuses, principes, lá dentro.
 —Não entram os humildes. . . Todavia,
 todas as forças, para entrar, concentro.

Tomo de um anjo as longas azas, e entro.
 Ha festa. E, que fidalga companhia !
 E, junto ao altar-mór, alli, no centro
 —Ella. . . tão linda e simples. . . quem diria ? ! . . .

—Ella, dando milagres e favores,
 graça e indulgencia aos principes. . . Ai ! nisto,
 olho-a. . . E, depois. . . meus olhos impustores !

Olho-a, e a graça do seu olhar. . . concede-a
 á imagem serenissima de Christo. . .

—Ah ! si não fosse Christo. . . que tragedia !

III

Meu sonho de hontem foi assim : havia
um templo. Deuses, príncipes, lá dentro.

—Não entram os humildes. . . Todavia,
todas as forças, para entrar, concentro.

Tomo de um anjo as longas azas, e entro.

Ha festa. E, que fidalga companhia !

E, junto ao altar-mór, alli, no centro

—Ella. . . tão linda e simples. . . quem diria ? ! . . .

—Ella, dando milagres e favores,

graça e indulgencia aos príncipes. . . Ai ! nisto,

olho-a. . . E, depois. . . meus olhos impustores !

Olho-a, e a graça do seu olhar. . . concede-a

â imagem serenissima de Christo. . .

—Ah ! si não fosse Christo. . . que tragedia !

IV

E' de outro artista—não me lembra o nome—
que o Poeta, no seu sonho de arte, é alguém
á parte. . . é como a aranha, que consome
todo o tempo, na rede a que se atém.

E, alheio ao proprio tempo, que carcome
o brilho ás cousas, séculos além,
eu ia —aranha—superior á fome
e á sede, e, aranha, me sentia bem. . .

Na solidão, como num canto escuro,
tecia a teia rosea do Futuro,
quando me entraste, a rir, tonta de sol. . .

E, de então, sem te ver (e ver-te é raro !),
não sei tecer. . . só sei tecer no claro,
não sei tecer sem ti meu aranhol. . .

V

Tive outro sonho. . . ou, verdadeiramente,
aquelle mesmo sonho, repetido,
aquelle sonho limpido e excellente
que, ha vinte e tantos dias, tenho tido :

Eu estava—não sei porque—detido
no leito. Creio bem que estava doente.
E ella, simples e clara, em seu vestido
simples e claro, veio, de repente.

Veio, tomou-me as mãos e, nas pupilas,
entremostrou-me o céu—meu céu aberto!—
revelou-me as loucuras mais tranquillias !

E a mão que Ella, entre as suas, nesse doce
sonho, tomou, beijo-a, depois, desperto,
tal si a mão d' Ella, e não a minha, fosse. . .

VI

Ha quanto tempo a sonho--a mim mesmo o pergunto.
Ha um anno, ha dois, ha tres, ha muitos annos?... Minto...
A origem desse Sonho, e o percurso, e o transumpto,
é um dédalo, é um enigma, é um cáos, é um labyrintho...

E esse amor já vae sendo o meu continuo assumpto...
Outra coisa não vejo, outra coisa não sinto.
De alguns tempos aquém, vive em meus olhos, junto
do meu espirito, entre o sentimento e o instincto.

A principio, sonhei-a irmã... Depois, sentia
que a amizade era amor... E sentia a incerteza
de entregar-lhe a alma, cheia, e trazel-a, vasia...

Abro-lhe o coração como uma igreja accesa...
Amo-a, desejo-a, sim... mas toda esta alegria
é uma intensa, uma extensa, uma immensa tristeza!...

VII

Creio que não preguei os olhos. Tenho regulares funcções, plena saúde, que Deus me deu, a supportar o lenho da Alma, uma resistencia de homem rude.

E não preguei os olhos !... e não pude dar ao Somno, de cujas portas venho, este Espirito, entregue á lassitude de quem luctou num circulo ferrenho !...

Bati a porta ao Somno, e sem proveito !
E o Somno me bateu, tambem, á porta e se desilludiu, insatisfeito !

Mas, como entrar-me o Somno á cidadella do Espirito ?—elle nada mais comporta : está completamente cheio d' Ella !...



A' margem da corrente

Sêde ! . . . febre de amar e ser amado,
sêde . . . não sei de que !

Sêde de angelitude e de peccado,
que cresce mais, si mais se lhe provê !

Sêde nos labios . . . sêde eterna . . . Vêde :
dão-me agua . . . Inutil coisa, a que me dão !
Bebo-a, sequioso, e a sêde augmenta . . . sêde,
sêde do coração !

Sêde nos olhos.—Pede o que te agrade !
Olha : é a aurora que vem . . .
—Minha sêde não é de claridade :
sêde que só eu tenho . . . mais ninguem . . .

Sêde de labios, olhos, pensamento . . .
sêde de te beber a alma no olhar:
olhas e . . . passas . . . Fico mais sedento . . .
sêde . . . sêde de amar . . .

Sêde de estremecer-te e estrangular-te,
vêr-te em mim, têr-te em mim. . .
sêde de te encontrar, por toda a parte,
sêde egoistica e má; sêde sem fim !

Sêde, infernal, de atear os céos distantes !
sede de te sonhar e te perder
e sonhar novamente os sonhos de antes :
nova alma, novo ser !

Supertantállica, indizível magoa !
Nada—seja o que fôr—
por mais que haja curado a sêde de agua,
cura esta sêde tragica de amor !

Esta sêde, esta febre, esta loucura !
Esta animalidade irracional :
Morrer pedindo um pouco de agua pura,
quando se tem o proprio manancial. . .



Espiraes

Eis
chegado
o momento
em que, minha Razão, meu Sentimento,
podereis
decompôr
em ruina, em pó, em cinza, ou sombra do passado,
meus castellos
de imagens
e miragens,
meus sonhos brancos, meus despeitos amarellos,
os meus odios selvagens,
os meus rubros anhélos,
minha Visão de Poeta—alegre e multicôr—
e a sombria
tortura
com que vou deŕnhando, dia a dia,
á evocação do Ideal para que se aventura

o albatroz da minha Alma—o meu excelso Amor.

—Só—

presinto

e supponho

vêr tudo o que é objecto do meu Sonho,

tudo em pó,

tudo extinto,

tudo—bens que antegóso, aspectos que visiono,

desejos, illusões, enganos, desenganos,

tudo extinto e evolado

e, mau grado

os olhares profanos,

descendo para a paz do ultimo somno,

subindo, em nuvem, para o Espirito-Creador,

escalando a amplidão azúl do Firmamento,

num vôo suave e lento,

ascensor,

levando para os céos, entre as azas do Vento,

teu nome—a idéa fixa, a essencia, o pensamento,

o espirito immortal do meu excelso Amor...

E'

curiosa

a attração

do meu Desejo para os impossiveis :

todas as coisas que me não merecem fé,

—coisas inatingiveis,

que só espósa,

que só despósa e vê nossa Imaginação,

vagas aspirações de chimerico enlevo,

me seduzem,

reluzem...

e me dão

FONTES

às tragedias que calo e aos madrigaes que escrevo,
a vida immaterial, o esplendido vigor,

com que—vivo—

revivo

a continua esperança, o constante motivo
que me traz moribundo e me traz redivivo,
morrendo deste Amor, vivendo deste Amôr. . .

Ah !

que importa,

que me importa morrer,

si a Vida me tem sido iniqua e má ? !

Emquanto não se me abre a occulta e invisã porta,

é uma pyra,

de brasas,

meu corpo, de onde sobe, a se evolar, meu Ser,
em fogo e fumo, em chamma e névoa, espira a espira,
desdobradas como azas

para o Immenso. . .

E, apagado

o braseiro,

no ultimo véo de bruma—ultimo olor de incenso—

leve, alado

e ligeiro,

tornar-se-á minha vida—imprecisa e incolor. . .

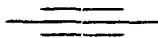
E, risonho,

antevejo

a delicia de andar de sonho para sonho,

o goso de viver de um perpétuo Desejo,

quasi a mingua de amor e embriagado de amor !. . .



Sonho Morto

Amanhan, quando o Sonho em que, a rir, agonizo,
ai ! de mim ! fôr a só realidade de um sonho,
realidade infeliz ! será, talvez, preciso
morrer... Pois venha a Morte. E' vir que eu nem me oponho !

Venha a Morte. E, afinal, às vezes, a idealizo
no seu lucto profundo, infinito e medonho.
Venha-me ! E, antevisão terreal do Paraiso,
Morte Libertadora, é assim que te supponho !

Vós outros não sabeis o que é arder em sigillo
per um sonho, antevê-lo, e, em pleno engano, em pleno
sonho, ver outra mão realizal-o, attingil-o !

Nem sabeis que é melhor morrer, forte e sereno,
do que ter de, alma em febre e rosto assim tranquillo,
gotta a gotta, beber esse doce veneno. . .



Amor. . .

No mundo das paixões e dos sentidos,
tive em cada desejo um dissabor.
Causa dos bens gosados ou perdidos,
o Amor.

Foi-se-me o sonho das Mil e Uma Noites. . .
Meu castello-feudal de grão-senhor !
Poeta! . . . e porque não tens onde te acoites ?
. . . o Amor. . .

Eu já fui millionario e sou mendigo.
Sceptico—em mim já houve um sonhador. . .
De onde vem a penuria que bemdigo ?
do Amor.

Meu desespero, fructo da Esperança !
Desengano, illusão, travor, sabor. . .
Quem a tal sorte o coração nos lança ?
o Amor.

E' o veneno das horas doloridas,
o opio de todo sonho embriagador !
Bem dos idyllios, mal das despedidas,
Amor !

Bem do meu Mal, prazer dos meus pesares !
Ande eu por onde andar, vá aonde fôr,
hei-de-encontrar, em todos os logares,
o Amor !

Ou é que elle me segue, ou me precede
por toda parte, como um batedor,
ou fez em mim, quem sabe ? a sua séde
o Amor ?

E' o meu occaso, é a minha estrella da Alva,
é a fonte do meu intimo esplendor...
Nem tudo está perdido ! Inda se salva
o Amor !



FONTES

SCISMAS

Humildade. . .

Rolar... girar... O Mundo rola e gira
constantemente, em torno de seu eixo.
Rolam astros e tempos... Eu me deixo
rolar, também, sem ambição nem mira.

Cantem outros de amor ou rujam de ira.
Eu não canto, nem rujo... nem me queixo...
e vou, magoas a fóra, como um seixo
vae, rio abaixo, na água, que suspira.

Vae, rio abaixo, na água : e a água o converte
em gotta, seixo líquido... E, antes disso
do que ser pedra grande—bruta e inerte !

Antes ser livre seixo, á correnteza,
que ser bloco de marmore... ao serviço
de Sua Majestade ou Sua Alteza...



Discreção

O' vós que me iuvejaes, porque me vêdes
—labios accesos de hymnos promissores !
Fios que tecem do meu Sonho as redes,
tecem a teia dos meus dissabores !

Certo, não me entendeis, quando me ledes !
nem vós, mulheres ! nem vós outras, flores !
Sabem meu travesseiro e estas paredes
os meus continuos dramas interiores !

O pensamento que me hauris á penna,
pequeninas tragedias vos esconde
e idyllios vãos que o meu orgulho aliena :

—Tristes idyllios, a que só responde
o éco da propria voz que me condemna
a occultar-vos de quem, de quando e de onde. . .



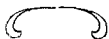
Modestia

Ha, conscias do que sou e certas de que existo,
umas duas ou tres centenas de pessôas.
De almas impias odiado, amado de almas hôas—
raras me entendem ; só de algumas sou bemquisto.

Querem negar, meu genio, as azas com que vôas !...
(O apostolo, tambem, negou a Jesus-Christo...)
Meu nome é a concha a que recolho—e ha gloria nisto:—
os vagos écos das pedradas e das lôas. . .

E, pois que me dão guarda os archeiros da Intriga,
sonho, imagino, invejo a modestia e a humildade
de ignorados heróes que o Esquecimento abriga.

Deixem que assim me esconda e ao que fui retrograde :
—Si eu pudesse rehaver minha ignorancia antiga. . .
Si eu pudesse voltar á antiga obscuridade. . .



Saudade

Três dias ha (quasi tres annos !),
que vivo, vivo nem sei como :
é que os espiritos humanos,
raro, apparecem num só tomo.

Deus te povoou o corpo amado
do mesmo espirito que o meu,
e assim, aliás, ao meu agrado,
nossos espiritos prendeu.

Foi-se-me a luz dos olhos, penso.
A luz fluidificou-se na agua
e, humida, embebe-se no lenço
que levo aos olhos, contra a magoa.

Foi-se-me a luz, veio-me o pranto.
A luz se apaga, ao pranto. E, pois,
tendo chorado tanto, tanto,
tenho chorado por nós dois...

Dei-me a escrever... Devagarinho...
 Fiz-te um bilhete, e o fiz tão cheio
 desta emoção, deste carinho,—
 que puz em dúvida o Correio...

Hontem fixei, a sós, a Lua
 e dei-lhe (vê que ingenuo sou !)
 dei-lhe o recado, o nome, a rua,
 mas não sei bem si ella acertou...

Si t' o não deu, já por vingança,
 tomei um trefego conselho :
 toldo a agua aos rios, e a agua mansa
 não lhe será jamais espelho...

E ella, que as lagrimas estanca
 aos corações sentimentaes,
 não mais verá a face branca
 ali, na fonte, nunca mais !...

Ouvi de alguém que voltarias
 dentro de um mez, de uma quinzena...
 Que ? ! Esperar mais quinze dias ?
 Não venhas mais... Não vale a pena !

Vou definhando... Vem mais cedo !
 Sinão (bem sei que o não suppões !):
 —cóbro a distancia a este degredo,
 —quebro a grilheta ás convenções...



Duvida

Amor. . . esse que houvéra e cultiváramos
cu—desde a quadra azul da minha meninice,
tu—desde a mocidade sazoadada
em flor e fructo, eu desde a infancia em flor ;
Amor que me elevava a inatingiveis páramos
a que ninguém se sabe que subisse. . .
Feliz Amor, de que, como a Terra, do Nada,
sahiam mundos, sóes, estrellas, esplendor. . .

Amor que me emprestava a graça animica
de viver enjaulado, e a gosto, em teu affecto,
uma vida de sonhos e de phrases,
de ancia e receio, de extase e illusão. . .
E transformava—milagrosa chimica !—
os meus erros carnaes de ser-concreto
(como a chimica torna em diamantes os gases),
em pensamentos de aurea irradiação. . .

Amor que ainda o teu saudoso Espirito
entra, como si entrasse em limpido oratorio,
num tom de, ao mesmo tempo, idyllio e prece,
de volupia e respeito, culto e amor. . .
E, entrando-te o impolluto Seio, inquire-t'o,
ciumento ou frio, ancioso ou merencorio
—nuvem que, mal se vê, desaparece
num raio a se apagar, raio tibio e incolor. . .

Dubio Amor que dialóga, a sós, ao galho tremulo
onde o ninho esqueceu, cheio e vasio,
cheio de alma, vasio de desejo,
vasio e cheio de desillusão. . .
—choramol-o, sentimol-o, perdemol-o. . .
E era a nossa lareira, era o nosso pavio,
Aza a cuja aeração, ainda agora, adejo
entre magoas que vêm e alegrias que vão ! . . .

Amor. . . O Amor sincero, ideal, romantico,
morreu. Dizem que ha um, só, de centuria em centuria
para semear de tempo em tempo um homem puro,
honra e gloria do humano coração ! . . .
A Duvida a alma abriu-me neste cantico :
despetalou-me a rosa da Luxuria,
poz-me em brio a Razão, falou-me do futuro
e fez-me-de teu Poeta—o teu melhor Irmão. . .

FONTES

Mas, passado, acalmado o amargo tramite,
mergulhado na scisma e no trabalho, nesses
polos da vida de pygmeu-athleta
que arrasto pelo mundo enganador,
— amo-te ! E amem-te os deuses todos ; ame-te
a alma dos homens, como si a elegesses —
nada equalára ao meu amor de Poeta,
este amor, meu Amor, é ainda aquelle Amor...



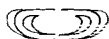
Aguia ferida

Meu Ideal, és uma aguia, dessas grandes
aguias que se aventuram céos além. . .
E, tanto as azas, dia a dia, expandes,
que ellas te envolvem, te alçam, te sustêm !

Não te assombram os Alpes, nem os Andes,
nem o Profundo, nem o Immenso, nem
céo, nem oceano : que, ante quem te abrandes,
e a quem te curves, só existe Alguem. . .

Após tantas impavidas subidas,
dóem-te as azas. . . trazes-las despidas
de plumas. . . azas que não mais voarão. . .

Voltás, desces. . . E ha um mal que te denigre. . .
Aguia ! quem te feriu ? o leão ? ! o tigre ! ?
—Coisa peor : foi a Desillusão. . .



Mágoas

Vezo antigo, esse de a gente
ao Mar quérulo e chorão,
despropositadamente,
comparar o coração.

Mas o meu (é o velho estylo...),
de tanto chorar, chorar,
só tem para deínil-o
o velho exemplo do Mar.

Vêde-o, o mar ; aguas, só aguas,
agua monótona e hostil ;
E o coração : magoas, magoas...
magoas só, magoas ás mil...

Tenham paciencia os esthetas,
si o meu estylo é o de Job :
as grandes penas secretas
têm uma linguagem só.

Que importa a imagem sabida,
quando inaudito é o pesar?
—A minha imagem, na Vida,
é a velha imagem do Mar. . .



Agonia. . .

Fôsse justo um de vós (porque vós todos sois, para mim, injustos, ruins, infames !), eu lhe diria os pensamentos doudos que estrangulam meus óptimos dictames.

Eu lhe diria os intimos vexames —ais de cobarde, tragicos denodos e estes—por mais que puro te proclames, coração !—estes erros e estes lodos. . .

Ante esse justo, eu desabaçaria.
—Espalma a tua mão tremula ! espalma a penna no papel, e sentenciamos:

Que eu morra ! não de morte humana e calma. . .
Porque. . . mas, que fiz eu ? Ah ! cobardia !
Réo de mim mesmo—apunhalei. . . minha alma !...



O Verbo

Um dia, o côro da Miséria Humana,
como um clamor geral contra o Destino,
ergueu-se, do palacio ou da choupana.

E ao velho arbitrio do poder divino
a Natureza odiou, de odio selvagem,
desquiz !

Revoltou-se : Luz, no astro; na ramagem
flor ; no silencio fecundante do humus,
—raiz. . .

Cometas—reclamavam novos ruomos;
sões—novas flammæ; homens—novas glórias ;
vegetaes—nova seiva e novos sumos.

Ao furor dessas vozes peremptorias,
o Verbo reencarnou-se e entre ellas veio:
—« Falae. »

FONTES

E armou-se o tribunal immenso e cheio
—Valle de Josaphat de alta justiça. . .
—Sinai. . .

E logo a multidão se fez submissa. . .
Extase religioso. . . E, na verdade,
o aspecto, em volta, era o de um templo em missa.

Era a partilha da Felicidade
aos pobres de alma ou corpo : aos infelizes
quaesquer.

Brilhos, perfumes, cores e matizes. . .
Dons, maravilhas. . . tudo o que o homem busca
e quer.

O primeiro a falar, voz plena e brusca,
foi um manchego espectro de guerreiro :
Chega e irrita-se logo ao sol que o offusca. . .

O Espirito-creador a esse primeiro
inquire: Que te falta ? que ousa ainda
teu ser ?

E o espectro : Ha uma couraça que me blinda.
Vou para as luctas. A que aspiro ? ! que ousou ? !
—Vencer !

E outro : Fui Icaro. Azas em repouso,
vi os céos, no lethargo, face a face,
dentro em meu grande sonho luminoso.

Sou Perseu que revive ou que renasce.
Chamam-me, ás vezes, meus irmãos da Terra
—Porvir.

E o Verbo: Tudo já se te descerra.
Que mais visionas, sonhador humano ?
—Subir...

—E tu ? a um orgulhoso soberano
que perdeu, numa guerra, o throno e o escudo:
Que te é mister a ser feliz, tyranno ?

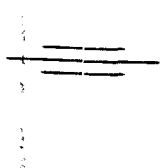
—Força e riqueza. Tudo. E disso tudo
inexoravelmente, eternamente,
dispôr.

Veio outro. Inda mais outro, diferente.
Um pedia a Fortuna; outro, pedia
o Amor...

Este, quiz a saúde; este, a alegria;
est'outro, de querer a Terra e a Altura,
não sabia ainda bem o que queria. . .

Veoi, por fim, uma alma, altiva e pura,
um poeta: a mocidade animizada
num ser.

E o Verbo: « Cabe-te a maior ventura. . .
Pede-a. . . » E o poeta, a uma extranha gargalhada:
—... «Morrer» ...



Plenitude

Nós nascemos amando e morremos amando.
Vimos do Amor e para o Amor corremos.
Amamos, até quando
o Odio envenena o Amor para os lances extremos.

Nasci amando.---Mãe, primeira namorada,
primeira imagem que em meus olhos vi !
amaste. . . foste amada. . .
mas. . . Coitado de mim e coitada de ti !

Ah ! colloquios de amor de mães e filhos !. . . Cedo
(e é, pois, inútil que a esse amor exhorte !),
vim para este degredo
e foste para o Além, que é o degredo da Morte !

Morre o Amor, nasce o Amor. . . E, aliás, para que nasça
o Amor, não é mister que morra o Amor:
que elle é como a desgraça
—desdobra e augmenta o seu poder renovador. . .

Mãe, eu te amava ainda e... já te eu esquecerá:
... Minha primeira professora tinha
esguias mãos de cêra
e uns olhos celestiaes de madona ou rainha...!

Guardo-lhe ainda o nome:—Aurea Olympia da Veiga,
Amava os gatos, perseguia os cães...
Eu, vendo-a, linda e meiga,
tendo-te e tendo-a, tinha, em mente... duas mães!

Aurea Olympia (meu mal !) era casada. O espose
dera-lhe uma filhinha até—Mathilde.
E eu... vivia angustioso...
Ah! que infancia infeliz! e que passado humilde!

Alva igreja-matriz da Divina Pastora!
Terra natal da Villa de Buquim!
Aquella professora
beijou-me, um dia... poz não sei quê dentro em mim...

Beijou-me e disse: «... vae. Tua precocidade,
certo (e fitou-me o olhar), naturalmente,
numa grande cidade
é um thesouro... Serás « doutor » ou « presidente »...

E eu vim. E aquelle beijo entrou-me o sangue. E fêl-o
arder, e dentro em mim semeou vulcões.
E vim, de pesadello
em pesadello. Vim commerciar illusões...

E, assim um grão—um só—sob a terra, semeia
o fructo que dá grãos renovadores,
tal minha alma anda cheia;
o' grão daquelle beijo! a transbordar de flores.

FONTES

Da minha adolescencia á velhice precoce
que me enche a mocidade de pesar,
nunca me vi na posse
do proprio coração, perdido, a amar, a amar. . .

Nunca me pertenci ! nunca o meu pensamento
foi meu ! Elle foi sempre o fiel mucamo
daquellas que lamento,
daquellas que revejo e, entre saudades, amo !

E fôram tantas ! foi um ramalhete, quasi,
um ramalhete de almas feminis,
que, a um olhar, a uma phrase,
colhi. . . tentei colher, adorei nos hastis. . .

Ah ! . . . e dizer que levo horas a fio, e de hora
em hora os reúnio, a ver si, assim reunidos
os amores de outr' ora,
valem todos o Amor que trago nos sentidos.

Ah ! este Amor solemne, o Amor definitivo,
Synthese, Ideal, Recapitulação
das cousas que revivo,
da historia passional do humano Coração !

E este Amor vem de ti—e não posso dizer-t'ó !
Vem de ti, e eu t'ó nego e a todos minto,
que este Amór é um enxerto
num cardal. . . é um jardim dentro de um labyrintho !

FONTES

E' um horizonte azul, dentro da tempestade !

E' o Céu... Mas vê-lo só, nunca o transpôr !

Ah ! que infelicidade

Nascer do Amor, viver do Amor, morrer do Amor !...



Tantalismo

Eu vou agonizando, agonizando,
não á feição do Sol, atrás do monte,
nem á do legionario formidando
que para a morte avance e á morte affronte.

E, si morrer, não deixo quem te conte
a odysseá infeliz de amores que ando
—rio errante que ignora a propria fonte—
vertendo em prantos, desde nem sei quando ! . . .

E morro incerto sobre si me queres . . .
Ah ! culpa é minha, que jámais te hei dito
seres a mais amada das mulheres !

Tens o destino das grandezas vastas :
és-me o horizonte azul, és-me o infinito . . .
—quanto mais me aproximo, mais te afastas . . .



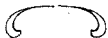
Adeus

Anoitece. Estou só, e a solidão me insúla
na compenetração profunda do meu Ser.
E eu que hei sido uma vida inteiramente nulla,
antes de culminar, ardo para descer.

E a Morte arde por mim : tem-me sêde. . . tem gula..
Minha extrema Illusão, meu ultimo Dever,
és Tu ! ouve-me. . . sinto: algo em mim crepuscúla. . .
é a alma que se desfaz. . . sou eu que vou morrer. . .

Sinto : esta inquietação contínua. . . esta ardua, accêsa,
esta fulminea febre a requeimar-me a lingua. . .
estes ais. . . isto é o fim. . . os ais já não são meus. . .

E' o horror de mim mesmo: (E eu amo a Natureza !...)
E' o meu Sonho de gloria, apagando-se, á mingoa. . .
Minha extrema ambição. . . meu erro extremo. . . adeus !...



Apenas...

Simples contradicção ! dir-se-á. — Fatal castigo !
vou de mim para mim dizendo, a sós, commigo.

... E eu suppunha
que este Sonho impossivel que persigo,
isto é—que me persegue a cada instante,
fosse virgem de extranha testemunha. . .
E eu mesmo, que o sonhára e o amára, eu quiz
conservar-me ignorante
de que ardi por um sonho e tentei ser feliz !

Pois si eu proprio ignorava haver sonhado, um dia,
essa felicidade inexequivel,
pois si eu. . . (Coitada de minha alma ! escrava
dessa Idealização, desse Impossivel !)
pois si eu proprio ignorava
o Ideal que embevecia
meu Espirito livre, incerto, a esmo. . .
e que, sob esse Sonho azul, vivia

á revelia
de mim mesmo...

Si eu proprio me vedára entrar este Sigillo
e me impedira, eu proprio, de o saber,
como havia de alguém descobril-o, sentil-o,
penetrar, através do meu rosto tranquillo,
essa tragedia muda de meu Ser ?

E o que eu não via—perspicacia humana !—
viam todos. E era um, era outro consulente...
E eu negaceava, a rir : «Como se engana
toda gente !
—subordina á razão tua lingua leviana»...
E desmentia-os descaradamente.

Jurei desvial-os da verdade ; attél-os
á comedia de amor que eu lhes contasse :
e, entre delirios, entre pesadellos,
chorar-lhes-ia em face
tantos, tantos romances affectivos
quantas as frias boccas de indiscretos
que me inquirissem, sob iguaes motivos,
velhas maguas de affectos...

Ah ! eu tinha guardado a sete chaves
esse Ideal que me inquieta e me illumina.
Devassaram-me o Espirito !... essas aves
de rapina !

E jurei ludibrial-os, por meu turno...
Jurei vingar-me dos inquisidores.
Comediante que fui ! Tornei-me taciturno,
ou, contendo soluços oppressores,

à pergunta geral,
eu como um velho historiador de amores,
era, a cada pergunta, um madrigal...

Impregnadas, assim, todas as vozes,
do mentiroso amor com que eu as illudira,
correu, com azas pandas e velozes,
a innocente mentira.

...E... ficou esquecido
de todos, de mim mesmo (antes o fôsse !)
o verdadeiro Amor, que me tem sido
meu Calvario agridoce,
meu Sonho inattingido,
Gloria dos meus sentidos, que me trouxe
este sexto sentido !

Esqueceram-me, enfim ! posso entregar-me ao culto
dessa alchimia animica, em que vivo
neste infeliz laboratorio occulto
do meu Ser affectivo.

Ludibriei-os, enfim ! mas, ao ficticio nome
com que os engano, tisno os labios e os vicio !
sabe minha alma só—que se consome
junto ao meu desvario,
sabe ella só—coitada de minha alma !
que, apesar do que digo e do que escrevo
para a conquista vã de gloria—Louro e Palma—
é meu unico enlevo
aquelle Ideal modesto e inattingivel
a cuja confissão, nem ao morrer, me atrevo:
—este Amor... este Sonho... este Impossivel...

Simples contradicção !—dir-se-á. Fatal castigo !
vou de mim para mim dizendo, a sós commigo.

Louco ! e illudi a perspicacia humana !
Illudi a Verdade e sagrei a Mentira.
E vi que o, desengano até, se illude e engana,
quando a linguagem mentirosa emana
de um beijo ou de uma lyra.

Comediante que fui ! mudam-se as scenas !
Ah! de tanto illudir—desillusão !
Mentiras calmas ! illusões serenas,
tudo em vão !
Illudi, enganei menti... Apenas...
Apenas,
ninguem illude ao proprio coração...



FONTES

EXTASES

Beira-mar

Ceguei ao caes. . . zarpava, ao mesmo instante,
a nau da Bôa-Estrella ! . . e o meu destino
tem sido desde então, mal o imagino,
um mallogro, um anáthema constante. . .

E, olhae, olhae: ao largo, agil, fluctuante
—velas da Audacia sobre o mar Euxino—
a nau que entresonhei, desde menino,
quando me anticipava navegante ! . . .

Viagem perdida ! chegam, formam bando
tripulantes joviaes da nau seguinte :
uns, me inquirindo e, a rir, me lastimando. . .

Vão-se, depois, a rumo certo ou a esmo. . .
E eu me deixo no cões, só, por acinte,
como um naufrago triste de mim mesmo. . .



Volupia...

Cede o corpo, exgottado, á alma, transida.

—Vim da volupia cega de um casal !

E, assim que entrei a comprehender a Vida,
devo, á volupia só, todo o meu mal.

Devo-lhe: é febre sempre a arder; ferida
sempre a sangrar. . . Volupia immaterial
de alcançar a ventura appetecida,
seja, ao menos, num ápice, afinal ! . . .

Lindos ideaes que, outrora, illuminaveis
meus olhos, eu senti por vossa gloria
uma excelsa volupia salutar.

Mas, frustrados meus sonhos mais amaveis,
só me resta, na vida transitoria,
a serena volupia de chorar. . .



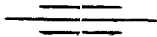
Mestre Silencio

E' a ti, Silencio, amigo e mestre ! é a ti que devo
a gloria ! a ti e á tua esposa, a Solidão !
Pois, indirectamente, é teu todo esse enlevo
das flores que ando a abrir, dos fructos que ellas dão !

Procuro em ti, contigo, o quatrifolio trevo
da Arte ! tudo o que penso, é ouro do teu filão.
Silencio, vêm de tí o que falo e o que escrevo,
meu professor de calma e de meditação !

Paranymphas o idyllio occulto á alma que scisma;
paranymphas a fé, no extase religioso
e elaboras a luz no sonho, a luz do Ideal !

E a luz é mais cambiante e irrial sob o teu prisma ;
e a paz é mais feliz. . . o' Silencio ! o' repouso
dos nervos ! o' crysol da Vida-Espiritual !



A Mocidade

Sonhas o Ouro, talvez. . . Tens-no, e o dissipas
prodigamente, desvairadamente. . .
Tambem, inveja crótons e tulipas
a rosa natural, rubra e esplendente,
de cuja formosura participas. . .

Hei de levar-te ao coração das minas,
ao recesso dos mares,
para vêres que as gemmas diamantinas
vêm de gazosas podridões vulgares !

Pérolas. . . as que houver sob o Oceano Pacifico. . .
Ouro. . . o da California, todo. . . queres ?
—E' um thesouro magnifico !

FONTES

E invejas um thesouro inutil e infecundo,
inda que te corrompa e te degrade. . . !
—Vaidade das mulheres ! . . .

. . . E não vês que não ha thesouro igual, no Mundo,
ao thesouro que é a tua Mocidade ! . . .



A Velhice

Mal, apprehensivo e extatico, me achego
a ti pobre velhinho,
mostras-me a face que a velhice engélna,
a cabeça de arminho,
e contas-me, a sorrir, transfigurado,
heroismos medívaes de heróe manchego,
coisas do arco-da-velha,
idyllios, sonhos bons, loucuras do passado...

E assim te cercam, quando a ti me achego,
os teus netinhos,
lembras um velho tronco, a desnevar os ramos
estrellados de incautos passarinhos.
E—dois velhos amigos—conversamos
e noto, pobre velho, o teu apego
á vida que amas e te foge, e sinto
que a vida real só é feliz, meu velho,
quando a vida do sonho acaba, e quando,

extincto o sonho, extincto
esse desassocego
que sempre nos andou malassombrando,
começamos a ler novo Evangelho,
o evangelho longinquo da Saudade,
o velho-testamento,
cuja fria verdade nos dissuade
das chimeras do nosso entendimento,
das loucas illusões da Mocidade.

Como és feliz, meu velho ! amas a vida
e ella te foge ! Adoras os teus netos
e, levando-te o lenço, de corrida,
fogem-te elles, a rir dos teus affectos. . .
E amas a vida como ninguem ama,
porque a vida te foge e se te esgueira ;
e o teu amor é limpido, sem chamma,
não tem os desesperos da fogueira
que arde e mais quer arder, freme, crepita
e a si mesma se queima
e a si mesma se evola ou se derrama,
numa continua teima,
numa loucura tragica e infinita,
a loucura, meu velho, de quem ama. . .

Tua felicidade é a de tornar ao que eras :
sabes, ao menos, como ser feliz. . .
Dessem-te as tuas mortas primaveras,
teus primeiros ideaes e teus enganos,
ou, velho tronco, por mais novos annos,
conservassem-te, ao menos, a raiz,
e em meio aos teus irmãos, filhos e netos,
na meia-luz dos teus sentimentos discretos,
refloriras de affectos

extincto o sonho, extincto
esse desassocego
que sempre nos andou malassombrando,
começamos a ler novo Evangelho,
o evangelho longinquo da Saudade,
o velho-testamento,
cuja fria verdade nos dissuade
das chimeras do nosso entendimento,
das loucas illusões da Mocidade.

Como és feliz, meu velho ! amas a vida
e ella te foge ! Adoras os teus netos
e, levando-te o lenço, de corrida,
fogem-te elles, a rir dos teus affectos. . .
E amas a vida como ninguem ama,
porque a vida te foge e se te esgueira ;
e o teu amor é limpido, sem chamma,
não tem os desesperos da fogueira
que arde e mais quer arder, freme, crepita
e a si mesma se queima
e a si mesma se evola ou se derrama,
numa continua teima,
numa loucura tragica e infinita,
a loucura, meu velho, de quem ama. . .

Tua felicidade é a de tornar ao que eras :
sabes, ao menos, como ser feliz. . .
Dessem-te as tuas mortas primaveras,
teus primeiros ideaes e teus enganos,
ou, velho tronco, por mais novos annos,
conservassem-te, ao menos, a raiz,
e em meio aos teus irmãos, filhos e netos,
na meia-luz dos teus sentimentos discretos,
refloriras de affectos

FONTES

e serias feliz. . . e serias feliz. . .
E amas a vida, porque só na vida
podes reaver os bens que dissipaste !
E lamentas ser velho ! . . . Olha, sou moço. . .
Olha, vê que constraste !
eu sou a Mocidade ! e na minha subida
e no meu alvoroço
para o Maior, para o Gloria, para a Altura,
eu não sei onde existe,
si na Terra erma e escura,
si na etherea amplidão vasia e triste,
a Ventura ! eu não sei onde existe a Ventura !

E tu sabes e dizes,
rindo do dissabor dos moços, pobre velho,
que nós somos felizes. . .
Lês por outra cartilha e por outro evangelho. . .

Tua felicidade é a de voltar á vida:
ser feliz é viver. . .
Minha felicidade appetecida
é a de fugir da Vida:
ser feliz é morrer. . .
Nossa felicidade anda invertida:
vives do meu pesar, morro do teu prazer. . .

Mas, vendo-te sorrir, meu velho, e vendo
os teus netinhos rindo em derredor,
eu te invejo e compreendo
que, apagado o vulcão do corpo, é que a alma
gosa a felicidade bôa e calma
de morrer com saudades. . . E' a velhice.
Esta é a felicidade da tua alma.

FONTES

Dá-me que t'a cubice,
meu pobre velho, pois, ao ver-te e vendo
teus netinhos sorrindo em derredor,
eu te invejo e compreendo
que a só felicidade existe na velhice...
Ser velho é ser feliz. . . Não ha nada melhor. . .



Capitulação

Venho da mais heroica e estranha luta:
venho de me vencer.
Heróis da força bruta,
vêde que irresoluta
batalha é a do Homem contra o próprio ser!

E não foi um, nem dois ! . . . foram sangrentos
combates, contra mim e em pról de Ti :
choques de idéas e de sentimentos
—abatimentos e resurgimentos. . .
Morri e revivi. . .

Foi só por me vencer, para jungir-me
á tua aurea galé,
que, soberano e firme,
luctei, para ferir-me,
para morrer por Ti, por tua fé !

Sagrada escravidão libertadora,
cativeiro feliz. . . desejo. . . ideal. . .
E renasce algo em mim, como si fôra
uma febre de amar, deslumbradora
e sobrenatural. . .

Volta a bater-me o coração de artista. . .
Minha alma renasceu !
Doloroso Idealista,
eis-me a arder na conquista
para a simples victoria de ser teu !

Bem hajas tu que entendes todo o enredo
do meu Espirito; e te vens appôr
junto ao meu Sonho; e sabes o segredo
deste Amor que nos dá orgulho e medo
—glorioso e humilde Amor !

Sejas-me o premio da aspera batalha
e seja esse trophéo
a clamyde, a mortalha,
a aza que a ambos nos valha,
a alçar-me á Gloria, a conduzir-te ao Céu !

Aza ou mortalha, Martyr-moribundo !!
Não !—Clamyde de Artista e Semideus,
que não pode um sepulcro, por mais fundo,
conter o Amor, que sabem só, no Mundo,
os meus olhos e os teus. . .



Vôo de Icaro

E esta alma simples ! e esta idealidade incauta !
—Reviver, previver. . . O Passado e o Porvir. . .
Navegar com Jasão, ser, de novo, argonauta,
ou, Perseu redivivo, ascender e fulgir. . .

Por esta alternativa aspiração, se pauta
anceio de zenith. . . angustia de nadir !
Pan. . . mas a Natureza é surda á tua flauta,
e a Civilização—Poeta—só te ouve, a rir !

Fôram-se os deuses. Veio o desencantamento. . .
A floresta desola: é cathedral vasia.
A fé se extingue. O céu desmaia, em derredor. . .

Dilúe-se em vacuo o incenso azul do Firmamento. . .
—Sonhos de Prometheu. . . Illusão. . . Phantasia. . .
Quanto maior é o vôo—ai ! da quéda !—é maior. . .



Ave, Juventas!

Cantae ! cantae ! vós sois a gloria da subida,
a esperança e o entusiasmo, a aspiração e a fé !
Sois, Mocidade, a Especie Humana, re florida
para orgulho de Sem, de Cham e de Japhet !

Sois o Amor... e, ai ! de quem—mocidade esquecida,
pôr de sol, cantochão, marcha-funebre, até—
antes de culminar na montanha da Vida,
sente que a alma ficou soluçando, ao sopé !

Cantae ! cantae ! eu vivo, apenas, da alegria
de vos ouvir; eu morro, apenas, da amargura
de invejar o que sois e eu seria, quiçá !...

E a gloria que me dão ! essa gloria sombria
de agonizar, ao léo de um bem que se procura
na certeza de que jamais se encontrará...



A Felicidade

Existe. Eu a conheço. Ouço-a e lhe falo: fito os meus olhos nos seus, e, exaltando-a, me exalto. Vou tocar-a, porém. . . —ha entre nós o infinito ! —foge o horizonte, o céu esfuma-se em cobalto. . .

Minha Felicidade ! . . . hei de atingil-a! . . . salto muralha por muralha, ergo-me, vôo, agito todas as azas da Alma, ando, de sobresalto em sobresalto, atrás desse enganoso Mytho. . .

Antes de te sonhar, vi-te, e, antes de buscar-te, vieste. . . mas, para amar-te, urge-me que descentre o Ideal para a Ambição... E ai ! dos meus sonhos de arte !

Ai ! de mim que sonhei ser feliz, e deponho minha felicidade e minhas glórias, entre a grillheta da Vida e a redempção do Sonho ! . . .



CASTALIA



Aguas passadas. . .

Ultimas gottas. . .

Fonte Castalia

CASTALIA... OU A ALMA HUMANA, POR ENCANTO,
MUDADA EM FONTE, NA AGUA DAS NASCENTES...
—GENESIS DE ALTOS SONHOS, E, ENTRETANTO,
BERÇO DE SONHADORES DESCONTENTES:
POIS A AGUA DESSA FONTE IDEAL E' O PRANTO
DAS COISAS E DOS ENTES...

E' NESSA FONTE QUE SE DESSEDENTA
A ALMA DOS POETAS, NUM ETERNO IDYLLIO.
PURIFICARAM-SE EM SUA AGUA-BENTA
O CORAÇÃO DE HOMERO E O DE VIRGILIO...
CASTALIA, HOREB DO ESPIRITO ! JUVENTA
DOS CORAÇÕES NO EXILIO !

O ORVALHO DESSA LYMPHA ALENTA A FLORA
DAS ESPERANÇAS E DAS PHANTASIAS.
A AGUA TRANSCORRE MUSICAL, SONORA
E VAE SEMEANDO ESTANCIAS E ELEGIAS...
CADA GOTTA E' UMA RIMA QUE DISSORA
ENTRE AS PEDRAS SOMBRIAS...

FONTES

O' ALMA EXCELSA DAS MULHERES QUE AMO,
FONTE CASTALIA DESTES SOFFRIMENTOS !
QUE DA'S ORVALHO A TANTO ESQUIVO RAMO
E ME DEIXAS OS LABIOS TÃO SEDENTOS !
VEM DE TI AS BELLEZAS QUE DECLAMO
EM SONS E EM PENSAMENTOS !

CHORASTE, UM DIA, E, DOS TEUS OLHOS, FONTES
CURRERAM PARA OS MEUS. . . A AGUA SELECTA
PURIFICOU-ME O OLHAR EM HORIZONTES
QUE A VISTA DESCORTINA E A ALMA INTERPRETA...
SONHEI. . . E, AO DESPERTAR—POBRE HERMES-FONTES !
TINHA FICADO POETA. . .



A Odysséa do Verso

Vieram da fonte sensitiva e casta
do Coração: filtraram-se em requinte,
nos centros cerebraes: são versos... basta.
E' estrophal-os em luz, por conseguinte.

E' escrevel-os em fogo, em tom que os pinte,
voz que os declame... E a língua mal se arrasta!
E a penna extráe-lhes a expressão seguinte
que os fixa nos papéis da minha pasta...

Leva-m'os o impressor, a publical-os.
Lá se vão os meus versos... E eu succumbo,
ao despedir-me da alma, entre ais e abalos...

E, ante a máchina, agora, o olhar descerro:
—vejo o meu Sonho transformado em chumbo!...
—vejo a minha Arte reduzida a ferro!...



FONTES

AGUAS PASSADAS . . .

Fraternidade

31 de dezembro—São Silvestre.—

Aqui, perto do Céu, nesta collina,
goso a quietude alpestre
de uma cidade mansa, humilde e pequenina
como a aldeia christã do meu Divino Mestre.

Em toda a redondeza, o rapazio, agora,
não se occupa sinão de amanhã. . . Diz-se, até,
que uns, dentro em pouco, irão «romper a aurora»
nos campos; e irão, outros, barra fóra,
ao sabôr da maré. . .

E as raparigas se preparam, rindo,
levantando castellos de promessas
nas cinzas do anno findo. . .
E vão, cantarolando, encosta abaixo, ás pressas,
buscar o «anno que vem...» o anno que vem surgindo.

FONTES

A cidade se agita e fulge. E' um formigueiro humano. Vendo-a, assim, fulgir, longe, e augural, vão todos para aquelle verdadeiro desaguadouro de almas. . . Um viveiro de illusão. . . sonho... ideal.

Passam velhas delicias na memoria dos noivos. E, entre arrulhos e entre abraços, á ascensão trasitoria da meia-noite, vão contando os mesmos passos e os mesmos beijos. . . Vão gorgendo a mesma gloria.

O anno que vem, é, sempre, o anno definitivo, o consolidador. . . o recompensador. . .

Mas, para alguns, por infeliz motivo, anno-novo é anno velho redivivo. . .

E' pó, feito esplendor. . .

E' a mesma velha magoa, e o mesmo é o anno: tresentos e sessenta e cinco dias de angustia e desengano, de intimas apprehensões e duvidas sombrias que amortalham, em vida, o coração humano.

O anno que vem. . . (E ecôa uma salva). O estampido sobe, vem até mim e se dilue pelo ar:

é a voz dos deuses. . . o inicial vagido do anno, que, mal sorri—recent-nascido, dá sustos, faz chorar. . .

E' o anno. . . E, mal reponte o novo dia, e o novo sol, dentre as montanhas, dealve, nas festas da Harmonia bimbalha o carrilhão da Alliança. Aos templos! Salve! Salve!—Caim perdoado—o homem crê e confia. . .

206

Salve ! Mas . . . irrisão dos mezes e dos annos !
Celebra-se a Harmonia Universal, no mez
do deus-bifronte, dubio mez de Janos . . .
O' hypocrisia dos ideaes humanos
que a vida contrafaz !

O' mentiras banaes do Calendario !
ó futeis convenções da gente culta !
Entanto—extraordinario !—
não vale essa alegria hostile da turba-multa
a alegria pagã de um melro ou de um canario !

Torna á collina um bando. Uma das raparigas
chora: outra lhe tomou o noivo. . . E faz-me dó !
Mas rio, triste, della e das amigas
e abençoô a alegria, sem fadigas,
de ter ficado só . . .



“... E o Mar nunca se
exgota !”

Assombras-te do Mar, grande, solemne,
bebido pelas nuvens... derramado
pelos séculos fóra. . . Mar ífirene,
Pae-creator de Castalia e de Hipocrene,
immensuravel—fundo e amplissimo. . . perenne,
superior ao porvir, sobranceiro ao passado.

Bebem no Mar, a um tempo, a névoa e o rio,
a lua e o sol. O Mar—velho Moysés—
dessedentando sóes e almas em desvario,
nunca ficou vasio !
E, ao geral desafio,
rola sinistramente as ondas e as marés. . .

Assombra-te do Mar, que, ha milhões de annos,
semeia tempestades e flagellos. . .
E, apavorando os fortes e os tyrannos,
liberta e erige, de impetos insanos,
com desesperos, com tragedias, furias, damnos,
mundos a revelar, phantasticos e bellos. . .

Não me assombro do Mar, nem dos seus genios
maravilhosos. . . Não me assombra o Mar,
nem seu renovador poder de heterogeneos
dons—fluidos, hydrogenios,
que, ha millenios, millenios,
proliferando vão, sem nunca se exgottar. . .

Assombra-me, porém nelle me inundo—
ess'outro mar sem praias e sem termos,
ess'outro mar intérmimo e profundo,
que, annos e annos, segundo por segundo,
desde que o Ser é o Ser, desde que o mundo é mundo,
envenena e sacia os corações enfermos.

Assombra-me esse mar: porque são tantos
labios em ancia, em febre, em dissabor !
Quantos olhos que vão beber nelle os seus prantos,
ha mil seculos ? quantos
vivem dos seus encantos ? !
. . .É não se exgotta o Mar ! e não se exgotta o Amor ! . . .



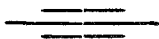
Folha rubra

Meu ser é a communhão de dois seres diversos.
Dois seres—um, a Carne, outro, o Espirito... E, assim,
esses dois seres—dois pequenos universos—
para castigo meu, se unificam em mim.

Carne e Espirito. . . Enquanto o Espirito faz versos
e sonha, a Carne, onde arde o sangue de Caim,
forceja, ousa remir os instintos, immersos
neste lethargo, nesta escravidão sem fim.

E' o Espirito contra a Carne. . . A ancia, a nevrose ! . . .
E eu, morrendo a esperar que a alma se desincarne
e se volatilize a essencia em novo ser ! . . .

E o corpo, livre da alma, estremeça, ame, gose
a Carne pela Carne e para a Carne. . . a Carne
até se decompôr e desaparecer ! . . .



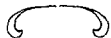
Moral

Boccas que contra mim e contra a minha
supposta ingratidão, Odio, desatas,
são para mim—qual dellas mais mesquinha—
são para mim, por sua vez—ingratas.

Guardam-se nesse afan nomes e datas:
bem de hontem, posto á face, hoje espesinha.
—Mão que nos afagaste e nos maltratas,
só para o afago queres louvaminha. . .

E tem razão quem faz o bem, é exacto.
E tem razão o favorito, em summa:
—são ingratos os dois, nenhum é ingrato. . .

Dessa verdade ephemera reçuma
que a moral é de todos, ou, de facto,
nunca a moral é de pessoa alguma.



*
* *

Inda hei de a Vida ver como a imagino
—realidade do Sonho em que se encerra
a elevada missão do meu destino
na civilização moral da Terra.

Hei de querel-a como a um bem divino,
atingil-a no céu que se descerra,
ideal-a, vél-a, e ouvil-a, toda um hymno,
superior á discordia e infenso á guerra.

E, enquanto ella não vem, enquanto a busco,
vivo sonhando dias não vividos,
dealvando neste eterno lusco-fusco. . .

Pois só na morte se unem, sonhadores,
o heroismo doloroso dos vencidos
e a vangloria feliz dos vencedores.



Flor de chamma

Hastil branco a florir em luz e flamma, esguio
lyrio secco, que o vento aniquilar promete—
ha uma vela a esvahir-se... E isso, deve-o ao pavio,
que é a sua alma, que é o eixo, a arder, do espermacete.

Mal o pavio esplende, eil-a que se derrete:
chamma—parece estar tiritando de frio...
E' uma creatura humana, alanceada das sete
dôres da Virgem-mãe, lagrimejando, a fio...

E' um ser animico esse objecto inanimado:
—arde o pavio, e, entanto, o que se esvâe é a cera...
—dôe a alma, e o corpo é que se faz mortificado...

E' uma agonia humana... Um suor febril escorre...
E, tal o humano ser desmaiára e morrêra,
a vela luz... reluz... vae desmaiando... morre.



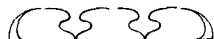
Bohemio

Delicia e engano bom que é, para tantos,
a Vida—para mim, é, nada menos
—a conjura de todos os quebrantos,
—a ruim mescla de todos os venenos. . .

Ou, pela dôr dos meus continuos threnos,
praz ao céu eleger-me um dos seus santos,
ou é, talvez, de humildes e pequenos
não ter glorias, prazeres, nem encantos.

A vida é um bem, e é um mal, que se biparte:
si uma lagrima flue nos olhos, uma
alegria dos labios ri, dest' arte !

Mas para mim a vida é só e em summa
—cumprir deveres mil em toda a parte
e direitos não ter em parte alguma. . .



Velho Symbolo

O Mar amanheceu, ha tres dias, com febre. . .
O Homem vive a quebrar contra ambições fataes
o espirito, e não quer que o Mar se quebre
contra o cães !

Não quer que o Mar, o Mar febril, quando ultrapassa
o circulo em que o poz o Destino traidor,
transborde, eatorne e quebre a sua Taça
de Amargor !

E' por isso que o Mar, na sua liberdade
ephemera, no seu despotismo, no seu
delirio, nos insulta e a terra invade,
que o prendeu !

E, nessa transitoria e cega independencia,
ora, aggride ora, ameaça—hostil ou fanfarrão—
e, contra a humana força, abate-a e vence-a,
de roldão !

FONTES

E, accêso, em febre, lembra um movediço espelho :
arreda a expressão das coisas naturaes,
inda ao quebrar-se, num furor vermelho
contra o cões :

Longe, é uma selva, a arder: liquido, se esfumaça. . .
Cada vaga é uma fronde e a espuma abre-se em flor
que entorna o floreo calice. . . uma taça
de Amargor. . .

Deixae raivar o Mar, febril. . . fazei que o Oceano
deixe, de um dia, ser o antigo Prometheu
e se desalme, no delirio insano
que o prendeu !

Possas tu, á galé perpetua desta Vida,
quebrar o cões do peito humano, Coração !
ser livre ! levar tudo, de vencida,
de roldão !

Possas, ao maremoto eterno dos desejos,
â enchente da maré das magoas immortaes,
quebrar teus sentimentos malfazejos
contra o cões !

E, a cada vagalhão que em ti se despedaça,
e a cada desespero e a cada dissabor,
não mais te apiedes, partas essa Taça
de Amargor !

Possas ser forte—mais na angustia do Calvario
do que na sagração, na gloria, no apogeu:
como o Apostolo, ás mãos do legionario
que o prendeu !

E, ao exemplo do Mar, cujas ondas serenas
agora se erguem como as lavas de um vulcão,
possas levar todas as tuas penas,
de roldão. . .



Pan

Olá, degenerado Herdeiro de gigantes,
o' Hercules rachitico. . . Olá, Homem,
o' sr. Pan moderno,
Pan de cornos flexiveis e ondulantes,
cujas raizes tragicas se somem
entre o sem-fim do Céu e o sem-fundo do Inferno !

Outrora, quando, barbaro e robusto,
honesto e inconsciamente, ias, á lei da vida,
e praticavas a moral das feras,
eras um Justo,
tinhas uma alma bôa e incorrupta
e, tu mesmo, eras bom, porque eras simples ! . . . eras !

Porque haviam de dar-te a vaidade e a impostura
e acclamar-te Primaz da Natureza ? !
Déste, por um bastão, tua musculatura,
e, por uma hypothetica realza,
a liberdade—que é a maior ventura
e a inconsciencia—que é a so' verdadeira riqueza !

Tens sentimentos de anjo e instinctos de hyena.
E's rugido e és arrullo :
E's Super-Animal e animal, como os outros,
pois Sua Magestade a Carne ao teu Orgulho
sobrepara. . . e os teus nervos envenena. . .
E te humilha, e te eguala aos garanhões e aos potros ! . . .

Homem, que foste Pan ! . . . Espectro. . . Lobishomem . . .
Icaro—as tuos azas são de cera !
Tantalo—a fome e a sede são mortaes. . .
Aspiraste a ser deus. . . deixaste de ser homem. . .
E nem previras que te succedêra
não ser homem, nem deus ! . . . E's sombra, e nada mais !

—«Vive sem ambições e viverás sem mágoas:»
disse o Verbo. Ouvia Pan. Mas, coração, palpita,
e, espirito, desperta
e ouve, na orchestração oceanica das aguas
e vê, no aureo esplendor da Abobada infinita,
e, vendo e ouvindo, sente : a alma lhe está deserta.

Pan—e não ter no olhar as pompas do Estellario !
Pan—e não ter no ouvido a musica dos seres !
Pan—e vasio de alma ! (E Pan enlouqueceu).
E, á mingua do Gigante, ergue-se o visionario,
formam-se as ambições, inventam-se os deveres. . .
Pan é Sisipho ! Pan é Prometheu !

Pan é a mentira, Pan é a hypocrisia:
é o Desejo contido, o Amor escravizado. . .
E' a doirada Fraqueza e a suave Estupidez !
Pan do Seculo Vinte. . . Quem diria ? !
Pan eunuco, a pascer o alheio gado. . .
Pan, moralista e idiota e mais córneo, talvez !

FONTES

E, nunca a primavera humana andou tão farta,
e nunca, ferveu tanto o excelso instinto,
nunca foi tão preciosa a saúde carnal !
Pan sabe ler, mas falta-lhe uma carta
—a carta de alforria! . . . Inviso cinto
prende-lhe o torso magro aos gradis da Moral !

E todos esses Pans se julgam satisfeitos:
vivem, á restricção de todos os direitos. . .
Pan-capro é menos que o cordeiro e o boi !
—Ergue-te Pan ! sê primitivo e baixo,
mas sê livre, sê forte e sê viril, sê macho,
para o fim de integrar o Homem no que o Homem foi !



Resurreição de Tântalo

Sob um céu de ouro e azul, uma arvore sombria.
Sob a arvore, um regato ; e, entre arvore e regato,
preso a invisos grilhões, o Titan se angustia :

E tudo o que entrevê, no delirio insensato,
é desesperadora, excruciante agonia
para o olfacto, a visão, o gosto, o ouvido e o tacto.

Rescendem fructos, perto, e elle abrasa, esfaimado !
Flores em derredor—e elle aspirando o cheiro
de um cadaver de ran que apodreceu, ao lado !

Extende o braço ao fructo, e o fructo, mais ligeiro,
ergue-se ao braço e murcha, ao desejo frustrado !
Extende os labios á agua—e exgotta-se o ribeiro !

Adivinha-lhe o olhar, vendado, a Luz e o Espaço.
O ouvido, a que se cala o hymno do passaredo,
ouve as palpitações do coração escasso !

FONTES

Inquire tactilmente o sol e vê que é cedo :
inda é cedo, e elle tem nos nervos o cansaço
de quem secularmente expia o seu degredo !

Na retina de cego, esquecida e apagada,
a visão da floresta... a imagem de uma nympha...
a liberdade e o sonho... a perpetua alvorada...

E á arvore, que o perfuma e ao céu, que o paronympha,
tem fome—e a arvore estende a mesa... á passarada !
tem sede—e o céu lhe faz seccar, aos pés, a lympha !

Tantalo ! não é igual teu doloroso inferno,
as tuas provações mortaes, Tantalo antigo,
nada são deante o horror do Tantalo moderno !

Pois que, ao menos, tiveste, extraordinario amigo,
o bem da tua Gloria, immorredouro e eterno,
maior que a tua Dôr, maior que o teu Castigo !

Agrilhoaram-te um pulso e ambos os tornozellos;
não tens mais olhos: tens dois tumulos na face !...
E... si pudesses vêr teus olhos e rehavel-os ? !

Fôra a felicidade—é o que responderias :
fôra a felicidade ! Ah ! nem, talvez, souberas
voltar, Tantalo, a ser—Tantalo—em nossos dias !

Nem saberias tu, Tantalo de outras éras,
falso e dissimulado em ruins hypocrisias,
rir, com a alma a chorar, e agonizar, devéras !

Nem rejeitáras—cego eventual—ser vidente,
nem ter olhos e crêr na cegueira absoluta,
nem sonháras morrer definitivamente...
222

E, olhos enxutos, mãos enxutas, alma enxuta,
voltarias a ser o Gigante insolente,
desvairado no arrojo e indomito na luta.

Sabes lá o que é ter á mão fortuna e gloria,
ir total-as e vir-lhe uma voz ao ouvido:
—«Louco ! não vês que a vida é incerta e transitoria ? »

E ficar, a essa voz da consciencia, detido,
levantando torreões de sonho na memoria
e inquirindo a essa voz o conceito e o sentido ? !

Sabes lá o que é ter ao nivel da alma ao nivel
do Ideal—o raro ideal do Amor e da Ventura
e ouvir á mesma voz que esse ideal é impossivel ?

Sabes lá o que é armar o vôo para a Altura,
com azas para os céos e para o Intransponivel
e rolar do alto Sonho á realidade impura ?

E—refem de si mesmo—encarcerado e escravo,
repellir, desdenhoso, a liberdade e a vida,
ter a bocca a amagar e repellir o favo ? !

E poder ser feliz, e, á graça oferecida,
morrer, aberta a mão para o primeiro cravo
e o peito aberto para a primeira ferida ! ?

E a desgraça de ser simideus, justo e recto,
e viver a esmolar—mendigo e vagabundo—
um raio de justiça e uma ração de affecto ? !

Que farias assim, Tantalo moribundo,
mythologico e ideal Tantalo resurrecto,
si voltasses a rir e a chorar pelo Mundo ?

FONTES

Ah ! que teus irmãos de hoje, anonymos e occultos,
de que semeaste no Orbe innumeraveis cohortes,
occultam dôr maior nos seus minimos vultos ! . . .

São maicres, talvez mais bravos e mais fortes
e a epopéa dos seus dolorosos insultos
vale mil expiações, mil supplicios, mil mortes. . .

Vivem tristes e sós, sequiosos e famintos,
sequiosos de illusão, famintos de esperança,
não da fome e da sede oriundas dos instinctos.

Tantalos da alma—só o sentimento os lança
às intimas prisões de intimos labyrinthos
de que é fiel carcereira a Saudade, a Lembrança. . .

Feliz és tu, que foste á altura e ao precipício :
e, enquanto a Gloria foge aos teus irmãos hodiernos,
gosa contigo um sonho ameno, sponsalicio !

E te elevas aos Céos, mal desces aos infernos. . .
E, entretanto, o supplicio é o premio do supplicio
dos Tantalos do Sonho, os Tantalos eternos ! . . .



Neste valle de lagrimas. . .

—Deixarei de viver. . . Tal si entre as mãos sentisse,
parado, o coração, eu disséra, angustioso.
Deixarei de viver: dar-te-ei, assim, repouso
e não me irritarei da alheia alviçarice.

Ter de eu sacrificar a mocidade é um goso,
o goso de te dar socego, na velhice :
e é, talvez, meu destino—eu mesmo t' o predisse,
neste meu tom de voz, indeciso e nervoso.

E dou graças ao Céu, que a t' o dizer me atrevo:
e, vivo e palpitante, auguro-me suicida,
e a volúpia da Morte é o meu ultimo enlevo!

Não, morte de veneno, affecção, nem ferida:
— morte de alma... porque (e é morrendo que o escrevo),
renunciar ao Amor é desistir da Vida.



Cantochão da Insomnia

Essa arvore alta, esguia
e augural
ostenta a soberana altaneria
do torreão porta-cruz de alguma cathedral.

Na sua hypocondria
vegetal,
a alma-penada de um cypreste expia
a angustia de ser só e esteril, sem casal.

Entretanto-oh ! ironia
natural !--
são eguaes de attitude, amam, dir-se-ia,
são irmãos o cypreste e a arvore do Natal !

Mas a physionomia,
em geral,
contrasta na alma: bem assim, o dia
provém da noite, e a flor surge do pantanal ! . . .

FONTES

Essa arvore sombria,
 funeral,
 não tem a alviçareira louçania
daquella, consagrada á festas de Natal.

Não tem, nem a magia,
 o ritual
 das sortes e das lendas, que extasia
a inconsciencia infantil e a saudade ancestral.

Não tem. E' escura e fria,
 sepulcral.
E' a esphinge verde da Melancolia,
sentinella da Morte, a viver, por seu mal !

Não conhece a alegria
 de um pardal !
Nunca teve a vaidade ou a ufanía
de um fructo ou de uma flor. . . Nasceu viuva, afinal.

O' cypreste ! o' vigia,
 o' phanal
que illuminas, sem luz, a extincta orgia
da Carne, reduzida a phosphatos de cal ! . . .

Triste philosophia,
 cyprestal !
assistir, em silencio, noite e dia,
á decomposição, á miseria final. . .

Mas, emquanto a invernia
 é glacial,
dentro no teu parenchima irradia
a febre da saudade, a convulsão do ideal.

FONTES

Sonhas, alma tardia !
Sonhas. . . Qual
a solitaria cruz, pela erma via,
tal rezas, muda e só, teu extranho missal. . .

Ao luar que te allumia,
longe e mal,
o que te aureóla é a propria phantasia,
é o luar do intimo sonho, impreciso e incarnal !

Tua unica alegria
pura e real
é o Sonho ! E' o Sonho que te concilia
com a idéa da vida e do amor, Vegetal !

Sonha, pois !. . . Todavia,
Cyprestal,
interrompe-te ao sonho a alma e poesia
o estouvamento doido e hostile do temporal. . .

Venta. A ramagem chia
pelo umbral.
Leva-te um sonho cada ramaria
que o vento leva ao teu escasso cabedal !

Deus de selvageria,
Vendaval,
que perturbaste o sonho a quem vivia
fecundando o Silencio e elaborando o Ideal !

O' cypreste, és o guia,
o signal
da Cidade dos Mortos, arredia
e, a um tempo, natural e sobrenatural !

Quem assim viveria
vida igual !

Existir para um sonho, e, oh ! tyrania !
ver o sonho estiolar-se, á borrasca fatal !

Quem será ? Quem seria
o mortal
que jamais conhecesse uma alegria
e anteviuvasse na alma e professasse o Ideal ?

Pergunta á ventania,
Cyprestal !
Que é um cypreste, tambem, quem se transvia
no Sonho e acha no Sonho a decepção final. . .



A excelsa Mentira

Todos têm para o Amor palavras delirantes:
o amor Sensualidade, o amor Angelitude,
é a só preocupação de todos os instantes.

E' idéa no idealista, é instinto no homem rude,
heroísmo, nos heróes, arrojo, nos gigantes,
o estímulo, no Vício, o premio, na Virtude. . .

E' o Pão dos Pães. . . E' pão, mas não só alimenta:
cria e procreia. . . Não é o pão de cada dia,
é o pão de cada instante. . . E' pão de hostia. E' agua-benta.

E' agua. . . Sim. Mas não só dessedenta e sacia:
emquanto a sêde de agua e de luz dessedenta,
sacia-nos de sonho, esperança e alegria. . .

Elle é que nos dá tudo, e elle nos dá tão pouco !
Pae da força moral, filho da força bruta—
deve-nos tudo, mas nos paga tudo, em trôco !

--E' leal, direis. E' um anjo em meio á humana lucta...
 No entanto—sonhador, quem te poz assim louco ?
 Virgem—quem te esflorou a corda impolluta ?

—O Amor. . . o Amor. Amor, « via-crucis » da Vida !
 sacrificio. . . expiação. . . ascensionalidade. . .
 Nunca chegou ninguem ao termo da subida.

Presidio das paixões, mosteiro da saudade...
 Permanente Illusão da alma desilludida. . .
 Doce mentira, Amor, tua felicidade !

Ah ! mentiroso ! . . . e és tu que a alliança e a paz nos prégas !
 Ourives da má fé, forjador da vingança
 que forjas no teu antro e andas tacteando ás cegas !

E dizer que é por ti que todo bem se alcança !
 Dizer que és o ascensor do Espirito, e o carregas,
 louco, a doidivanear nas azas da Esperança !

Ao envez de crasear duas almas em uma,
 ardes, conflagras os desejos e os instinctos. . .
 E a tempestade pouco a pouco se avoluma. . .

Vã rememoração dos teus sonhos extinctos !
 Cinza de incendios, pó de escombros, ruina, em summa:
 Aranhões da Illusão—são os teus labirintos. . .

Anjo de annunciação, Demonio-mensageiro
 da Discordia. . . estouvado, inconstante, impreciso. . .
 Flôr de lothus na vida—um Amor Verdadeiro. . .

Um Amor que não ha, um Amor que idealizo. . .
 Não o amor-Sangue, amor-sicario, amor-coveiro,
 mas outro. . . a antevisão feliz do Paraiso. . .

FONTES

Outro... eterna promessa... aspiração futura...
uma illusão continua... um continuo adiamento...
a perpetua esperança... a perpetua ventura...

Um Amor que se espera, a rir, todo momento;
que não vem, mas se crê, se ama, se conjectura
numa renovação de extase vago e lento...

Que milhões de milhões de loucuras frustradas
concebe o coração e o espirito soffreia !
Que intimos temporaes nesses pequenos nadas !...

Quantas ondas que o Mar, febril, desencandeia,
lobas rugindo, para o Céu, amotinadas,
vão, depois, derramar-se em lágrimas na areia ?!

—Velho e glorioso Amor ! atrevi-me, dest'arte,
a cuspir contra ti esta salsugem de iras
dos meus versos, e ousei diminuir-te, negar-te !

Ah ! tanto estás em mim, que os nervos me aturdiras:
—és meu pendão de guerra ! és meu symbolo de arte...
E eu sou uma mentira entre as tuas mentiras !

Velho e glorioso Amor ! os que mais amarguras,
são os que vêm cumprir, solícitos e amantes,
mandamentos de fé, penitencias e juras !...

E, sponsaliciamente, acclamam-te, incessantes,
—a ventura essencial de todas as venturas,
—a só preocupação de todos os instantes...



ULTIMAS GOTTAS . . .

A Mentira

Nessa genial mentira —a Vida Humana—
mentir é claudicar, mentira é crime:
e a verdade—luz má, que desengana,
dizem-na aurora santa, que redime.

Bocca fallaz, traidora, alma leviana,
juram pela Verdade alta e sublime:
a Verdade é agua limpida que sana
a Mentira, que é lodo e só deprime.

Mas, si a mentira bruta se converte
no sonho ou na illusão, nossa alma gyra
em torno della, attonita e solerte.

Mente-se a si, quem á Verdade aspira.
Tudo mente: alma viva, corpo inerte,
a gloria, o amor, a vida. . . que mentira ! . . .



A Vaidade

Vaidade, eixo do Espirito ! és o centro
dos circulos concentricos da Vida !
Vejo, sempre que os teus arcanos entro,
a alma humana, a alma inteira, reflectida. . .

Que vale a Glória, e o Amor, em que concentro
toda a minha existencia mal vivida ? . . .
—Vaidade ! entras o ser humano a dentro. . .
. . . dás-lhe orgulho e ambição para a subida. . .

E o homem, si mais te sente, mais te nega:
a vaidade, nos outros, é um peccado,
pois não na vê em si. . . que a alma está cega !

E a Vida, a um tal espelho, é um bem, máo-grado !
—Vaidade ! o Amor que por ahí se allega,
é só vaidade. . . é amor de ser amado. . .



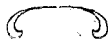
A Inveja

Dizem-te indigna e má, pintam-te feia e hirsuta.
Dão-te unhas de dragão, jettaturas de mocho.
E's veneno de ophidio, és vitriolo, és cicuta,
o odio negro, a ira rubra, o desespero rôxo...

Não ! Para mim não és o monstro vesgo e côxo
que vive a conspirar nos vãos de cada gruta,
à luz crepuscular, num clarão dubio e frouxo,
contra a Idéa, immortal e a Bondade, impolluta.

Não ! não és vingança, a insidia, o crime-corso:
tua irresignação é nuncia de esperança,
ha persistencia e fé na ancia do teu desforço.

E, assim, na emulação da vida transitoria,
teu estímulo é a guerra, egoista, que nos lança
à reivindicacão da Justiça e da Gloria.



Nevoa

Um de nós ha de ser sacrificado.
Hoje... amanha... daqui a um anno, a um mez...
E cada qual irá pelo seu lado
expiando, expiando o mal que nunca fez !...

Sonhaste-me... abi está o teu peccado !
E eu te deixei sonhar... sonhei, talvez...
—Triste aridez de sonho realizado !
A alma quer sonho, e o sonho se desfez !

Ha de um de nós ficar só e vencido,
amargando um Presente, que mal doura
a duvida apprehensiva do Porvir...

Ha de um de nós viver, sem ter vivido,
carpindo essa infeliz, desoladora,
dolorosa tristeza de existir...



Pendulo

Minha vida tem sido a de um pendulo. . . tanto
fez a Duvida em mim seu melhor servidor !
Sempre hesitante—novo Hamleto ou Apemanto—
raio, á mingoa de luz, prisma, á falta de côr.

Sou um pendulo. . . sempre a vacillar. . . Enquanto
o Homem ama e a Mulher finge que entende o Amor,
eu hesito, eu descreio, eu me fico em meu canto,
eu não quero emigrar, seja para onde fôr !

Ride, vós, que viveis, certos de alguma ccusa !
ride de mim, que sou a estulta mariposa,
—corpo fakirizado. . . alma sem directriz. . .

Ride, sim, de quem vive, á vida intensa e accêsa,
ruminando, em silencio, incerteza e incerteza,
na certeza de ser, para sempre, infeliz. . .



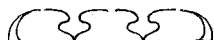
Augustal

Gloria da Vida ! mas a Vida é um pandemonio
e eu sou um Semideus... Pois, si o altar não me dão,
a minha alma infantil de pastor e camponio
fenece de pudor, nessa devassidão !

Jamais hei de encontrar, na Terra, o templo idoneo,
que é inutil toda fé, nesse festim pagão.
Que esforço, equilibrar uma alma de Petronio
entre um Cesar cretino e uma ruim multidão...!

Uma alma de Petronio ! entre a orgia insensata,
entre a inveja augustal e o neroneano arbitrio,
bordar no ultimo sonho um ideal de arte e amor !

—«Flores musica... » E a morte... Artista e Aristocrata !
morrer cantando e rindo, o olhar já langue e vitreo,
de desdém para o Povo e para o Imperador... .



Dois destinos

Somos, talvez, da mesma essencia milagrosa,
de um espirito só, em dois corpos disperso.
Que é o que, afinal, eguala uma rosa a outra rosa ?
o aroma. . . E' a luz que eguala os astros, no Universo. . .

De um radio astral, de algum divino embryão, diverso
e uno em alma, se fez, por mão maravilhosa,
—em mim—para lutar, o gigante do Verso !
—em ti—para vencer, o gigante da Prosa !

E a Sorte uniu-te ao meu teu Sonho excelso e arisco:
—orbes do mesmo engaste, aguias do mesmo cume
e cordeiros-irmãos de rebanho e de aprisco. . .

Mas o Destino poz-se a rir do meu presagio:
—tua vida—em continua ascensão se resume !
—minha vida—ai ! de mim ! em perpétuo naufragio !



Abstracção

O maior bem que eu desejava, fôra
ser cego, de nascença.

O' luz miraculosa e redemptora,
luz mingoante de lua, ó luz de sol, intensa !
Do teu beijo estellar foi que me veio
a noção de sentir pelos olhos a Vida,
e a ambição de ver sempre e achar no bem alheio
maior felicidade
do que esta que me foi pelo Céu conferida
a mim e a cada humilde, simples ente,
a cada fracção de alma componente
da grande alma creadora—a Humanidade.

Que ventura,
ser cego natural, de nascimento !
Andar no extase vago, na ancia obscura,
no circulo impreciso, afastado e nevoento

de um sonho eterno e desse sonho amigo
no indeciso clarão,
ver pelo azul postigo,
no optimismo de cego—oh ! cegueira optimista,
oh ! serena illusão !—
o que seria a vida, o que seria,
si, cego, houvesse, ou si rehouvesse a vista
para a ver, através da sua previsão...

Que decepção amarga não teria,
si, desnevoando o olhar, se libertasse
da sua obrigatoria phantasia
e visse a luz e visse o mundo, face a face
e visse as coisas como as coisas são !

Meus olhos funeraes, meus olhos scismativos,
corujas somnolentas...

—Almas a arder, velando, abertas para o ambiente...

—Naufragos da Alma, por milagre, vivos,
salvos de extranhas, horridas tormentas,
neste peninsular refugio do meu rosto
ligado ao corpo, como a um continente,
por um isthmo—a cerviz...

Meus olhos, insurrectos,
morrendo intimamente
em dolorosos, tragicos desmaios,
em loucuras e affectos,
e, apagada a impressão do insolito desgosto,
revivendo delicias infantis,
fulgindo em novos raios,
renascendo das ancias de sol-posto
em luminosidades deslumbrantes
de meios-dias rubros, transbordantes,
varonis !

FONTES

Malditos, os meus olhos, degredados
no degredo sombrio do meu rosto,
de onde, em vez de aureas fontes luminares,
fluem nascentes de contínuas penas
e contínuo desgosto !
— fontes por onde choram meus cuidados
e meus pesares
em silenciosas lagrimas serenas. . .

E os meus olhos, são, antes. . . « olhos d'agua. . . »
Ah ! como o cego é mais feliz na propria mágoa !

Veio do olhar com que o previ e vejo,
todo o meu Mal:
que, sem o olhar—semente do Desejo,
nunca o Peccado (sinto-o em mim, perscruto-o)
nunca o Peccado ateára
esse contínuo incendio, esse delirio mutuo
da humana integração transsexual. . .

Do olhar, surgiu no espirito nascente
a inveja de aspirar á alheia seára,
e a ambição de poder e o ciúme de possuir
e a avareza de andar sofrendo no presente
para melhor prover aos dias do provir.

Delle, a curiosidade insaciada e atrevida
de alongar na visão a personalidade
e transformar a Vida,
dentro dessa visão, numa suave subida
para a Felicidade. . .

Meus olhos, meus sinceros camaradas,
fiéis em me prevenir dos males exteriores
e a mostrar-me, escondidos entre as flores,
meus anjos protectores
e as minhas boas-fadas !

Meus irmãos-gemeos, (sois irmãos, inseparáveis,
meus polyglottas... mudos,
que, sem longos trabalhos, sem estudos,
minha inquietude e minha angustia traduzis !
Si eu vira, um dia, que me abandonáveis
ou que vos apagáveis,
quem sabe si eu não fôra mais feliz ?

Sois os meus vigilantes cães de guarda.
Quando, alta noite, o Sonho me transporta
para bem dentro da alma, e eu me concentro
numa illusoria dôr de que se não resguarda
meu coração,
vindes, pé ante pé, bater-me á porta
do meu Sonho
e eu fico a ver-vos, mal as forças recomponho,
olhando para dentro
da minha attonita Imaginação. . .

Entretanto,
longe de vos querer, eu vos renego !
De vós, meus olhos, é que flue meu pranto. . .
Antes não fosseis meus, antes eu fosse cego !. . .

Si eu fosse cego, não teria
a benção luminar da luz do Dia,
nem, á noite, teria sobre a fronte,
na impossibilidade absoluta de vel-as

FONTES

desabrochar em alma e luz pelo horizonte,
a florida parreira das estrellas,
para embriagar-me pelo olhar
nessas gottas dispersas da aurea fonte
da luz solar. . .

Mas, em compensação, não testemunharia
a angustia quotidiana,
a comedia trivial da hypocrisia,
nem as tragedias da miseria humana,
nem a rude verdade, que desmente
a ephemera illusão que nos engana
e nos arrasta a Vida ao sabor da corrente. . .

Que ventura, aspirar o perfume das rosas
e não ver nem saber que do humus putrefacto
vem a coloração das petalas sedosas,
a maciez que enlouquece as volupias do Tacto !
Que bem, não ver que flue da terra immunda
o carinho do trato
que as roseiras radica e as raizes fecunda
e do calice faz subir para a corolla
o perfume que vae apaixonar o olfacto,
mal da rosa em botão se expande e no ar se evola! . . .

Delicia de não ver, ventura da ignorancia !
Que supplicio maior
do que ver a distancia, andar para a distancia
e a distancia. . . augmentar, em cima e em derredor ? !

Que infinita tristeza,
que dolorosa lei, inexprimivel cousa,
ver a lampada accêsa
e—ó temeraria humana mariposa !—

averiguar que todo o esplendido clarão
vem do humido pavio
inexpressivo e frio
ou sãe da exalação de gazes esse lume,
como da podridão sãe o perfume
e o limpido diamante—do carvão ? !

Desventura de ver, meu continuo desgosto !
Curiosidade, anathema do olhar !
Tem-se a paixão do sol... chega o sol-posto...
E, si amamos o mar, vem a vasante,
e, si amamos o luar, vem o mingoante...
O melhor é não ver, nem mar nem luar...
Mal tem a alma a visão e os labios têm o gosto,
chega o castigo no seguinte instante...
Nem ha sabor, nem ha prazer, nem ha pesar :
que a verdadeira, que a unica ventura,
é ter a vista inteiramente escura
é não ver, não olhar... .

Si eu pudesse esquecer o fulgor do teu rosto
e essa attitude augusta e singular
e essa simplicidade e esse encanto... composto
de tudo quanto é simples e impolluto...
Si eu desfructára o insipido prazer
De trazer sempre o meu olhar
no intraduzivel , doloroso lucto
de te não conhecer, de não te ver,
si eu te não conhecêra e te não proclamára
a suave embaixatriz
da Belleza immortal e da perpetua Gloria
na vida transitoria,
da Terra impura e ignára,

FONTES

si te eu não vira, si te não amára,
eu fôra mais feliz... eu fôra mais feliz...

O' minha Gloria ! o' meu Amor ! o' meu Encanto !
Minha doce Ambição ! meu Sonho ! meu Porvir !
Vem dos meus olhos o continuo pranto
de não ver os teus olhos !
Vem dos meus olhos
a morbida ficção e o triste desencanto
de te ver tão de longe, aurora que has de vir !
de te ver tão de longe e te esperar, ha tanto,
na certeza mortal de nunca te possuir !

Só a eterna Illusão, deslumbradora,
adivinha sem ver... Só a Illusão compensa.
Por isso, o maior bem que eu desejára, fôra
ser cego de nascença...



Arvore de Natal

A arvore de Natal, que fructifica
em astros, prendas, sortes e surpresas,
ergue-se, ali, miraculosa e rica,
florindo em luzes, multiplas e accêsas,
d'entre o enxame infantil que a glorifica.

Ha um premio—brinco ou favo—em cada rama;
um sonho, em cada pequenina tocha
que, entre as folhas extaticas, se inflamma
e as indecisas pétalas de chamma
desabrocha.

E a Infancia, em torno, como as velas, arde
de inquietude. . . E, entre alviçaras, curiosa,
rí, noite a dentro, insomne, até mais tarde,
e, numa algaravia, sonha e gosa
e da propria alegria faz alarde.

FONTES

Uma figurazinha, de incolores
faces, em meio ás expansões festivas,
vaevem por salas, quartos, corredores,
distribuindo delicias e sabores
aos convivas.

E' um garotinho esqualido e trapilho,
com cem annos de angustia em dez de idade,
pois é um filho sem mãe aquelle filho
que, olhos famintos de curiosidade,
olha a festa, a ferver em gozo e brilho.

Mais tarde, a joven pleiade cochila.
Partem os assistentes. Madrugada.
Fóra, a Esphera se arqueia e o azul scintilla.
E a arvore de Natal dorme, tranquilla
e apagada.

Só elle, em meio á famulagem, véla,
excitado de inveja e a arder de ciume:
sua imaginação, que se revela
toda nesse momento, se resume
na arvore que entreviu, radiosa e bella.

E vae, pé ante pé, vél-a, de perto,
á meia-luz, á ausencia da familia.
Dorme o salão, cahótico e deserto...
Vae vél-a... Entra... E' um somnambulo, desperto
na vigilia.

Vae vél-a... E vê, rezando ais e offerendas
(Ah ! pobre Infancia desherdada e magra !),
a Arvore do Natal, de tantas lendas,
a que os seus sonhos infantis consagra —
—depennada, sem luzes e sem prendas !...

E, sem prendas, sem luzes e sem flores,
aquella árvore, magica e celeste,
é, agora—sem milagres nem favores—
planta de decepções e dissabores...
—é um cypreste ! . . .

E' um cypreste aquella arvore esplendente
pejada de ouro e favos. . . que outrem vira
doce, feliz, maravilhadamente,
e elle. . . nem por engano ! . . . que a mentira,
quando aos pobres conforta, se desmente ! . . .

E, fóra, a Lua, esplendida, passeia.
Anda, redonda e esplendida : deslumbra.
—Lua, Lua materna, Lua-Cheia,
sê mãe desse orphãozinho que vagueia
na penumbra !

E enche de talismans e dons sagrados
as arvores do parque ! enche-as de brilhos,
para que sejam, pelos descampados,
arvores-de-Natal para esses filhos
sem paes, para os meninos engeitados !

*
* *

A arvore de Natal da tua Vida,
Poeta, não tem surpresas nem promessas:
traz as ramas no chão, copa despida. . .
E', de nascença, uma arvore invertida,
ás avessas. . .

FONTES

Na arvore natalicia dos teus dias,
Poeta, a sorte não poz, nem dons, nem fadas.
E' uma arvore phantastica, de esguias
ramas escassas, murchas, desfolhadas
ao flagello glacial das invernias. .

E és a imagem daquelle garotinho:
e só de andrajos, misero, te vestes:
flôr sem estufa, pássaro sem ninho. . .
Natal arborizou o teu caminho
com cyprestes. . .



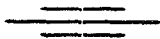
Para as azas do Vento

Donquixote que fui ! . . . Quando entrei para a liça,
a vida me era bôa; eu era simples; e era
a minha durindana—esplendida e massiça,
de ouro e aço: ouro, este Ideal; aço, esta Fê sincera !

Fui uma fera-illustre e impávida. . . uma fera,
ao brandir, em defeza, a lança, alta e insubmissa,
pela Verdade; pela augusta primavera
da Arte; pela feudal princeza da Justiça.

Fecho os olhos ao Sonho. . . Abro-os á Vida.—Ruínas. . .
Escravo da Justiça e da Arte—eil-as, que, a rufos
de tambor, vêm buscar-me: espiãs e messalinas :

Arte—ingênua creação de alguns autores. . . buffos !
Justiça — eu te perdôo, emfim, que algo me ensinas :
os meus amigos-fieis. . . que magicos tartufos ! ? . . .



Gloria ?

Gloria, ironia má !—Falta-te o pão em casa,
falta-te na alma a fê, tudo te falta, em summa !
Tiritas, e não tens lareira: que a tua aza
abafou e desfez a tua chamma em bruma. . .

Tens sêde, e o Mar te nega uma gotta de espuma.
Queres luz, e não tens uma chispa de brasa:
no entanto, o Sol, como um thurybulo, defuma
e doura as coisas e áureo incenso no ar transvasa ! . . .

Gloria. . . mas, para que, si o coração fraqueia,
si o corpo é um muladar de privações constantes
e a consciencia reflecte a desventura alheia ? !

Gloria. . . e não tens, siquer, o socego preciso !
—Ironia e illusão de todos os instantes. . . .
—Chanaan dos immortaes. . . Maldito Paraíso ! . . .



Gloria !

Gloria é a expressão de Deus, sobre a miseria humana.
E' o Céu, arqueado, em lóu aos milagres da Terra.
Gloria é resurreição, sobrevivência. . . Emanada
do alto: que só a Altura as alturas descerra.

Arvore, ó cruz verdeal do picaro da serra !
O' cruz das cathedraes de que o torreão se ufuna !
gloria é a repatriação da alma que se desterra
no Sonho, para o Sonho... O sonho é a gloria... Hosanna !

Ser alma é professar na Dôr.—Calvario ou Pindo,
dôr pela Fé ou pelo Ideal—a gloria é o pouso,
culminancia a que, Deus e Poeta, vão subindo :

Que o só heroismo—o só, verdadeiro e glorioso—
é o de sofrer cantando, é o de morrer sorrindo
para não perturbar o bem do alheio goso. . .



In excelsis !

Gloria a Ti, que és perfeita em quanto, humanamente,
possa alguém atingir á perfeição moral !

Gloria ! Ao desabrochar dessa alma redolente,
o incenso do meu culto, o hymno do meu ritual !

Gloria a Ti, só a Ti, pois é de Ti, sómente,
ó Expressão Natural do Sobrenatural,
e é só em Ti que encontro a invisível semente
com que, assim, fructifico em pensamento e ideal !

Gloria, em Ti, alma-irmã ! Milagre, que conferes
a todos os que attráes e a mim, que repudias,
a alta revelação da maravilha que és !

Gloria, em Ti, ao Amor ! Gloria, em Ti, ás mulheres !
A Ti, que reduziste a gloria dos meus dias
a degrau do teu Solio, a escriptorio dos teus pés !...





ADDITO



A' revisão e composição deste livro, nas primeiras tiragens de algumas das partes em que se divide, escaparam incorrecções —leves, muitas, graves, não raras—em resalva das quaes foi mister organizar estas annotações.

Deixando aos leitores os « sinões » da orthographia, que não está absolutamente uniforme, bem assim os de pontuação, aqui, deficiente, alli, excessiva, com uma verdadeira contradança de virgulas, deante a qual se estontearam os olhos do revisor, entro a assignalar as irregularidades que mais resaltam:

- Pag. 7 —« l'armonia *d'il mondo* » —l'armonia del mondo.
» 21 —« coisas *nasciturnas* » —coisas nascituras.
» 24 —« pelo ar *boando* » —pelo ar boiando.
» 25 —« vendo-o *libra-se* » —vendo-o librar-se.
» 31 —« limpida e *elthera* » —limpida e etherea.
» 62 —« num beijo *hyemal* » —num beijo ideal.
» 62 —« abre a corolla á flores » —abre a corolla ás flores
» 88 —« cigarras *zuben* » —... Cigarras zumbem
» 106 —« em teu *beijo oval* » —em teu bojo oval.
» 111 —« almas em *fluido mineral* » —almas em fluido mineral
» 112 —« ora ondula, *sra espraia* » --ora, ondula, ora, espraia

FONTES

Pag. 161 —(Entre a 2ª e a 3ª estrophe, omittiu-se uma oitava inteira) :

« Amor. . . esse que em nós tomou por distico
a Belleza moral, não mais, por certo,
hei de encontrar na Esphera que palmilho,
eu, transfuga, eu, cobarde, eu, desertor,
nem tu, a cujo olhar piedoso e mystico,
enchias o meu tragico Deserto
e me inundavas de um extranho brilho
meu desvairado olhar de Ahsverus-sonhador. . . »

- » 167 —« reclamavam novos
rumos» reclamavam novos rumos.
» 169 —«veio, porfim, uma alma» —veio, por fim, uma alma.
» 188 —« heroismos medivæes » —heroismos medievæes.
» 189 —« cuja fria verdade nos
dissuade» nos dissuade
(Em dois versos)
» 240 —« flores musica » —flores... musica...



INDICE



	Pgs.
Fiat	
Fiat.....	11 a 13
Fontes da Luz.....	17 a 26
Fontes do Ser.....	29 a 49
Fonte da Vida.....	53
Natureza :	
Céo.....	57 a 72
Terra.....	73 a 83
Abril.....	84
Verão.....	87
Vagalume.....	92
Palmeira.....	96
Flôr e fructo.....	102
Uva.....	106
Mar.....	107 a 119
Alma	
Sonhos.....	127 a 151
Scismas.....	155 a 179
Extases.....	183 a 196
Castalia	
Aguas passadas.....	205 a 232
Ultimas gottas.....	235 a 256

